

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE**
Câmpus Pelotas

**CARTAS PARA LER E ESCREVER.
CARTOGRAFANDO UMA PRÁTICA DE
ENSINO.**

Ronaldo Luís Goulart Campello

Dez/2016



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE**

Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL Campus Pelotas.
Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia
Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET)

Cartas Para Ler e Escrever. Cartografando Uma Prática De Ensino.

Ronaldo Luís Goulart Campello

Pelotas RS 2016.

Ronaldo Luís Goulart Campello

Cartas Para Ler e Escrever. Cartografando Uma Prática De Ensino.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL campus Pelotas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cynthia Farina

Pelotas RS 2016.

Ficha Catalográfica

C193c Campello, Ronaldo Luis Goulart.
Cartas para ler e escrever. Cartografando uma prática de ensino / por
Ronaldo Luis Goulart Campello. – 2016.
78 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Cynthia Farina.

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas,
2016.

1. Cartas epistolares. 2. Experiência. 3. Cartografia. 4. Educação. 5.
Formação. I. Farina, Cynthia. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul. III. Título.

CDD 808.0666061

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Sílvia R. de Lima veleda CRB 10/2038
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

Ronaldo Luís Goulart Campello

Cartas Para Ler e Escrever. Cartografando Uma Prática De Ensino.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL Campus Pelotas.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Cynthia Farina – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense – IFSUL. (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Carla Gonçalves Rodrigues – Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Prof^o. Dr^o. Róger Albernaz de Araújo – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL.

Agradecimentos.

A minha esposa Marta e a meu filho Arthur por conviverem comigo...

A minha orientadora Cynthia Farina por andar ao meu lado nesta caminhada.

A banca que a esta escrita se deteve.

Aos companheiros(as) e amigos(as) que fiz neste percurso.



SUMÁRIO

RESUMO	08
RESUMEN	09
1 - Começando a conversa: Abrindo trilhas	10
1.1 Andar por entre caminhos de escrita e leitura.....	12
2 - Professor-<i>flâneur</i>-cartógrafo-pesquisador	16
2.1 Trilhar caminhos, andarilhar e observar, estar à espreita, criar, cartografar..	18
2.2 Uma perspectiva distinta sobre o método.....	21
2.3 Amarrações das redes, das teias, do rizoma.....	24
2.4 Um caminhar por entre uma literatura despretensiosa.	25
3 - Cartas entre salas de aula: formação, acontecimento e viagem	29
3.1 Apresentando o projeto.....	30
3.2 A escrita epistolar, possibilitando encontros.....	32
3.3 A distância de um contexto unido pela escritura.....	37
3.4 A travessia: viajando através de outros olhares.....	37
4 - Zona urbana, ou zona rural: Quem escreve para quem?	43
4.1 Observando paisagens para andar sobre elas.....	45
4.2 Alguns caminhos percorridos entre palavras, linhas e diários.....	48
4.3 Uma trilha que se abriu.....	53
4.4 – Sor... Me ajuda! Um par de correspondentes, três pedidos e figurinhas....	53
4.5 Conversas epistolares: O escrever ao outro.....	65
5 - Um professor, um pesquisador ainda em vias construção	71
6 - Referências	73

RESUMO

Este texto surge a partir de uma atividade docente que se tornou projeto de extensão, realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSUL - campus Pelotas, e se debruça sobre uma prática de escrita muito antiga, as cartas, a partir de um acontecimento em sala de aula com o grupo de estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental da Escola Técnica Estadual Prof^a. Sylvia Mello, no bairro Fragata, na cidade de Pelotas – RS. O exercício manuscrito de textos epistolares surge como uma prática de ensino, com a intenção de amenizar as dificuldades de aprendizagem com a leitura e a escrita. À medida que esta pesquisa se produzia passamos a tratar tal exercício como processo de formação mais amplo, compreendendo a escrita como uma prática capaz de reinvenção de modos de pensar e ser, o que nos faz refletir sobre os encontros que nos constituem, discentes e docentes. Ao outro se escreve com o desejo de se dizer, encontrar-se através e, a partir da própria escrita, escreve-se para si. O método de pesquisa utilizado é o cartográfico, onde se lê, experimenta e analisa as cartas intercambiadas com uma turma, também de quinto ano de uma escola rural no interior do município de Piratini – RS, como também se dialoga com a professora em formação que desenvolve seu estágio de docência no *Colegio Universidad Pontificia Bolivariana*, em Medellín - Colômbia, a partir das percepções dos próprios professores. Os autores Deleuze e Guattari, Foucault e Larrosa, Rolnik e Kastrup, entre outros, dão suporte ao campo problemático desta pesquisa que tem como objetivo dar sentido a uma atividade pedagógica desencadeada por um acontecimento que agencia a força de minha experiência vivida com a escrita de cartas, problematizando como tratar a escrita e a leitura de cartas trocadas entre turmas de estudantes para além de uma atividade pedagógica que visa a intervir em problemas de ensino aprendizagem, sem desconsiderá-los. Como promover processos de formação em que a leitura e a escrita de cartas intercambiadas produzam e deem expressão a processos de subjetivação? E como ser capaz de percebê-los e enunciá-los?

Palavras Chave: Formação. Cartas epistolares. Experiência. Cartografia.

RESUMEN

Este texto surge a partir de una actividad docente que se tornó un proyecto de extensión, echo en el Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSUL campus Pelotas. Este se aplica sobre una práctica de escrita muy antigua, las epístolas, a partir de un ocurrido en un salón de clase, con un grupo de estudiantes del quinto año de la enseñanza fundamental de la Escola Técnica Estadual Prof^a. Sylvia Mello, en el barrio Fragata, en la ciudad de Pelotas – RS. El ejercicio manuscrito de textos epistolares se manifiesta como una práctica de enseñanza, con la intención de amortizar las dificultades de aprendizaje con la lectura y escrita. Al paso que esta investigación ocurría, se empezó a tratar la ejecución del ejercicio epistolar como un proceso de formación más amplio, comprendiendo la escrita como una práctica capaz de reinventar modos de pensar y ser, lo que nos pone a reflexionar sobre los encuentros que nos constituyen, docentes y discentes. Al otro se escribe con el deseo de decirle, encontrarse a través, y, a partir de la propia escrita, se escribe para sí. El método de investigación utilizado es el cartográfico, donde se lee, experimenta, analiza las epístolas intercambiadas con un grupo, también de quinto año, de una escuela rural, en el interior de Piratiní – RS, además de dialogar con una profesora en formación que desarrolla su pasantía docente en el *Colegio Universidad Pontificia Bolivariana*, en Medellín, Colombia, a partir de las percepciones de los propios profesores. Los actores principalmente utilizados son: Deleuze e Guattari, Foucault e Larrosa, Rolnik e Kastrup, entre otros, que sostienen el campo problemático que posee como objetivo dar sentido a una actividad educativa provocada por un evento promocionando la fuerza de mi experiencia vivida con la escritura de cartas, problematizando, ¿cómo tratar la escrita y la lectura de epístolas cambiadas entre grupos de estudiantes, para allá de una actividad pedagógica, que visa intervenir en problemas de enseñanza aprendizaje, sin los desconsiderar? ¿Cómo promover procesos de formación, donde la lectura y la escrita de epístolas intercambiadas producen y crean expresión a procesos de subjetivación? E, ¿cómo ser capaz de los percibir y los enunciar?

Palabras-llaves: Formación. Epístolas. Experiencias. Cartografía

1 - Começando a conversa: Abrindo trilhas.

Escrever é uma tarefa arriscada. Iniciá-la é quiçá a parte mais complicada do processo. Organizar o caos do pensamento, encontrar as primeiras palavras, formar as primeiras frases - elementos ajustados para permitir ao verbo fluir. Conjunções conectando orações, artigos definindo ou não substantivos, pares em um sistema alfabético/gramatical, que se digladiam com as ideias ao tecer parágrafos, ruminá-los, aceitá-los e dar-lhes luz, vida, dar carne a esse verbo. Permitir que encontre som na voz, na palavra úmida que preenche os pulmões, que faz corpo e se faz sentir, que cria oscilações, que cria o pensar. Escrever acontece a partir do encontro que se tece com a leitura, com os corpos, com nós mesmos, com os outros, com o silêncio, com a solidão. Escrever parece simples, mas não é. É um esforço colossal. É *desconstrução* que ocorre de maneira singular, construção que se faz de forma sutil, nos *reconstruindo* em outro lugar, atentando métodos que revelam pistas, rastros pelos quais se esgueiram desejos. O desejo nunca é solitário (DELEUZE, 1995). Escrever é tecer teias, ligar pontos, pontas, platôs, criar rizomas por onde flanamos à espreita, resistindo aos modelos padronizantes habituais. O pensar é questão intrínseca/entranhada no ato de promover as primeiras linhas ao se produzir uma escrita. “Pensar [...] é um ato perigoso [...] é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 58-59). Por isso é tão difícil escrever. Pouco(s) se exercita(m) o(s) pensamento(s) em uma sociedade de ideias prontas. Não nos colocamos sentados em vassouras e singramos os céus, não nos arriscamos; pensar cria movimentos, oscilações, quedas e fraturas.

Pensar dói e torna-se perigoso. De nada serve escrever se essa escrita não fortalece a *desconstrução* para uma nova construção, de nada serve se ela não conduz a novas regiões. “Pensar é desterritorializar. Isso quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro” (HAESBAERT et al, 2015, p. 09). Há de existir uma escrita que se afete por aquilo que nos passa, por aquilo que a própria escrita proporciona. A desterritorialização a partir do pensamento cartográfico consiste, segundo Ianni (1996, p. 169) em “[...] o sujeito do conhecimento não permanecer no mesmo lugar, deixando que seu olhar flutue por muitos lugares, próximos e remotos, presentes e pretéritos, reais e imaginários”. É necessário um novo observar, um olhar forasteiro sobre o objeto observado e em construção, mesmo que isso não seja fácil de produzir, mesmo que o

objeto sejamos nós. Essa é também sua alegria: a possibilidade que nos dá de dedicar-nos a nós mesmos, de reinventar-nos em alguma medida.

Debruçar-se sobre si mesmo, escavar as capas que lhe constituem, retirar uma a uma as camuflagens imprescindíveis ao convívio em sociedade, à falsidade dos meios sociais nos quais nos colocamos, compõem um processo tão laborioso quanto mover uma montanha. Escrever é um verbo que se imprime só.

1.1 – Andar por entre caminhos de escrita e leitura...

Essa escrita se faz aqui a partir da atividade de ensino começada no ano de 2014, tornada projeto de extensão no mesmo ano, chamado de: “As cartas que escrevo. Correspondências físicas na era digital: uma metodologia interdisciplinar de ensino e aprendizagem”¹, e que ganha força em 2015, como pesquisa. Toma outro nome ao ser pensada/investigada neste Programa de Pós-graduação em Educação; “Cartas para ler e escrever: Cartografando uma prática de ensino”. Ganha vida a partir de minha docência na Escola Técnica Estadual Profª. Sylvia Mello, no bairro Fragata, na cidade de Pelotas – RS. Essa pesquisa cartografa a troca de cartas entre estudantes, a partir de práticas de escrita e leitura desenvolvidas com um grupo de alunos de um quinto ano do Ensino Fundamental da referida escola. O material cartografado é a correspondência trocada com outros estudantes também de um quinto ano de uma escola rural no interior do município de Piratini – RS, que ocorreu ao longo de 2015. “A correspondência é também um exercício pessoal, ao escrever lemos o que escrevemos, [...] é uma maneira de se manifestar para si e para o outro” (ORRÚ; ANDRADE, 2009, p. 04).

Penso sobre formação quando escrevo sobre tal processo, os encontros e os atravessamentos produzidos em mim, a partir da execução da escrita de cartas, prática que exerci fortemente no fim dos anos 1990 como músico, vocalista dos m26² e que, como muitos músicos, que transitavam pelo cenário *underground* nacional naquele período, não tinha acesso aos recursos tecnológicos e de informação, que hoje temos. Buscava, nessa prática, na escrita de cartas pessoais para trocar, vender, comprar, agendar shows, responder entrevistas e fazer amizades. As escritas deixavam rastros que, ao percorrê-los, produziam outros rastros sempre que eu recebia/enviava uma carta que promovia outras, e outras escritas.

¹ Projeto de extensão coordenado pela professora Cecília Oliveira Boanova, a partir do EDITAL PROEX/IFSUL - Nº 04/2014.

² O m26 surgiu em abril de 1996 a partir de decepções musicais com o cenário Underground de Pelotas e região. Eu era o vocalista, formei a banda junto com Alexandre Fernandes, guitarrista; André Lisboa, baixista e Gabriel Porto, baterista. Formávamos uma química bizarra de ódio e melancolia. Dessa química surge em 1998 a demo-tape *Outubro*. Esse trabalho apresentava um *black/death* metal, cru e ríspido cantado em português. Esse fato muito chamou atenção na época. *Outubro* apresenta uma qualidade sensível. Pouquíssimas bandas atreviam-se a produzir seus materiais em sua língua materna. Suas composições apresentavam sintomas da realidade e experiências próprias, envoltas em temas poeticamente obscuros: dor, frustrações, sentimentos sombrios. Em 2000, entra no m26 a vocalista Carla Domingues; buscaram-se novas influências mais melódicas. Em 2001, seu segundo demo-tape *Sentimentos Sombrios* recebe ótima aceitação no cenário nacional, e internacional, trabalho esse que foi divulgado na América Latina e Europa, a partir do selo Português *Hallucination zine*. Recebeu boas críticas dos *zines* e *distros* europeus, consolidando o nome da banda e tornando-a uma referência no extremo sul do país.

Tal ação sustentou-se quase que diariamente por mais de cinco anos, e eu descobria-me nos escritos de outros. Escrevia ao outro, mas antes a mim mesmo. O escrever/ler era alimento. Deparava-me com veredas novas nesse território, construía-me por entre outros caminhos, por exemplo, a literatura, algo que me foi sugerido por um correspondente, através da leitura de Dante, Cruz e Souza, Baudelaire e Poe, entre outros.

Esta pesquisa parte, sem dúvida, de minha prática docente com a leitura e a escrita, mas, também se alia a minha experiência como escritor e leitor de cartas, alia-se à força dessa experiência. Nesse sentido, seu objetivo é dar sentido a uma atividade pedagógica desencadeada por um acontecimento - que veremos em breve -, que agencia a força de minha experiência vivida com a escrita de cartas.

Pergunto dessa forma: como tratar à escrita e a leitura de cartas trocadas entre turmas de estudantes, para além de uma atividade pedagógica, que visa a intervir em problemas de ensino aprendizagem, sem desconsiderá-los? Como promover processos de formação em que a leitura e a escrita de cartas intercambiadas produzam e deem expressão a processos de subjetivação? E como ser capaz de percebê-los e enunciá-los?

A leitura de si oriunda das correspondências pessoais pode ser tão transgressiva quanto aquela que visa transpor o limite da linguagem, pois, nesse caso específico, trata-se de reinventar a si mesmo na e pela escrita cotidiana. Em outras palavras, na literatura de si das cartas pessoais é possível transpor o limite do que somos no espaço do 'entre', ou seja, do espaço intersubjetivo da troca epistolar e da amizade (IONTA, 2011, p. 83).

Alguém um dia disse que a escrita é uma fala de si. Um abrir-se. Que é fácil falar/escrever de coisas de seu dia a dia e isso se intensifica na escrita de cartas pessoais; “a correspondência é um texto por definição destinado ao outro que ajuda o indivíduo a aperfeiçoar-se, estimulando destinatário e remetente a avaliarem cuidadosamente os fenômenos que acontecem em seus cotidianos” (IONTA, 2011, p. 84). Esse aperfeiçoamento tem menos a ver com uma progressão, que com perfazimentos e desprendimentos de si. Falar sobre o que me inquieta, me perturba como docente, questionar meu exercício profissional, já é algo grande demais. Desarraigar-se de conceitos já enraizados faz-se necessário. A cartografia se faz de rastros, movimentos, amplitudes e alterações, encontros que mostram as lutas que ocorrem e me põem a pensar, que surgem (surgiram) e se intensificaram no decorrer desta dissertação. Um movimentar-se, ou estar em movimento, a partir do pensar cotidiano e seus modos de se

produzir no/com/ele. O cotidiano em jogo na docência, a docência como jogo do cotidiano.

E se nos pusermos a pensar em educar como um cão que cava seu buraco, um rato que faz sua toca? No deserto de nossas escolas, na solidão sem fim, – mas superpovoada – de nossas salas de aula não seremos, cada um de nós, cães e ratos cavando nossos buracos? (GALLO, 2002, p.169).

E se produzirmos aqui, e desta forma, um modo de ‘militância’, de resistência ao modo dominante de lecionar? E se tratarmos apenas de escavar o presente com uma mera proposta de escrita e/ou leitura?

Neste momento, e a partir da elaboração de uma trajetória através desta pesquisa, resgato resquícios vagos de momentos que foram importantes, flano por sobre trilhas que abri em um pretérito, um retorno a mim valorizando lembranças e porções de criatividade por mim e para mim antes de qualquer coisa, sem a preocupação de tentar responder definitivamente nada, de tentar chegar a alguma resposta, viável ou razoável. Ao mesmo tempo, desejo que o exercício de escrita e pensamento aqui realizado possa ser compartilhado e favoreça outros exercícios, do tipo que forem.

Escrevo nestas páginas a partir de três encontros que me levaram a esta pesquisa, encontros que me fazem ser o professor-pesquisador que me torno hoje, do qual só me dou conta a partir da escrita deste trabalho. A leitura de autores como Deleuze e Guattari, Foucault e Larrosa, Rolnik e Kastrup tornam isso possível. A cartografia como método de pesquisa me permite flunar por entre as sendas de minha memória e me proporciona lidar com o que me afetou, o que me afeta, os encontros produzidos que geraram (geram) expressividade em mim hoje e fazem *repensar* minhas práticas professorais.

Ao longo desta caminhada, que está no início, tive algumas companheiras que foram imprescindíveis à confecção deste projeto de escrita de cartas com meus alunos: a Prof^a. Grazi, da cidade Piratini – RS, com quem começamos a nos corresponder em 2015, e ainda seguimos nesse processo, e a professora em formação - nesse período ela fazia seu estágio de docência - da cidade de Medellín – Colômbia, Kamila Alarcon, que compõe comigo uma escrita no ano de 2016. Essas interlocutoras foram (são) importantes, pois ainda nos movemos por essa prática de ensino e seguimos escrevendo cartas uns aos outros.

Penso a atividade aqui apresentada de intercâmbio de cartas em três capítulos. No primeiro faço uma abordagem sobre o método cartográfico de pesquisa, proposto

por Deleuze e Guattari, sugerindo uma aproximação ao conceito de *flâneur* de Baudelaire (2005) para construir um professor-passante-cartógrafo-*flâneur*, o professor-*flâneur*-cartógrafo-pesquisador que andarilha pelas trilhas desta escrita, de sua docência, à espreita de possíveis linhas de fuga. Nesse movimento a escrita deixa rastros que, ao percorrê-los, produzem novos rastros e me levam ao segundo capítulo, no qual exponho as experiências de dois professores, um brasileiro e uma colombiana, eu e Kamila, que os um encontro a partir de um projeto de escrita e leitura que ocorre desde 2014. Esse capítulo é um exercício de escrita e de pensamento conjuntos a partir das correspondências ocorridas entre nossas turmas de estudantes no ano de 2015 e exercita uma composição escrita, a partir de experiências de formação: relato dos professores sobre a experiência/encontro da troca de escritos epistolares e como esta prática de escrita permeou processos, os dos estudantes e os dos próprios docentes.

No terceiro capítulo me ocupo de pensar alguns conjuntos de cartas de meus estudantes, correspondidas com os estudantes da Prof^a. Grazi, alunos da zona rural, no interior do município de Piratini – RS. No ato de ler essas cartas me apetece buscar uma sensibilidade, que me permita mapear algumas relações, problematizações, conversações e afetamentos entre os estudantes. Exercito um olhar sobre seus processos de formação, através de suas escritas, através do que elas despertam em mim, do que elas me indagam. Nesse sentido, aprendo com elas um modo de ver os elementos, as alianças, os enfrentamentos, as inquietações e as alegrias que as habitam, enquanto sou interpelado por essas mesmas situações. Eles escrevem um olhar pra mim e eu leio seus processos de formação com eles.

2 - Professor-*flâneur*-cartógrafo-pesquisador...

Imagine várias pessoas lendo um poema. O poema que leem é o mesmo, mas a leitura é, em cada caso, diferente. Podemos dizer, então, que essas pessoas leem e não leem o mesmo poema. O poema é o mesmo se nós tomá-lo como texto: é textualmente idêntico em todos os casos. Por tanto: todos leem o mesmo. Mas a leitura, a experiência de leitura é, para cada um, a sua própria. Portanto: ninguém lê o mesmo (LARROSA, 2006, p. 12).

Em Silêncio

e discreto como em um mudo assombro,
o pássaro observa com paciência, desejo e vontade,
e com seus olhos negros como a noite ele aguarda,
espera que enfim no corpo caído ao chão
o ar de seus pulmões o abandone...

Corpo caído ao sol, que borra a rotina com seu vermelho rubro.
Corpo caído que vivo foi um corpo de mentiras, um corpo de dor.

Em silêncio o pássaro espera...

Ele sabe que saciará suas vontades, seus anseios,
se excitará em meio à carne ainda macia,
saciará sua sede no sangue ainda doce.

Em silêncio ele observa o cortejo de outros corpos
que se alinham para sorrir da tragédia,
imóveis...

A fome lhe atormenta, lhe consome,
o outro em delírio e inerte
se consome em pensamentos que dilaceram sua alma
como as garras do pássaro que lhe rasgam a carne,
dor angustiante, navalhas destroçando vergonhas,
as poucas vestes que ainda cobrem de nada servem.

Mas o mal que ele me faz...

O bem que ele proporciona, me liberta...

O mal que fiz
sofro, tento estender a mão, gritar, é impossível...

Me calo como em um mudo assombro

em silêncio, em desespero e dor
 observo agora o Barqueiro...
 este é um novo lugar.
 Aquieta-te, ó passageiro, estás a atravessar o Aqueronte
 não há volta para aqueles que nesta nave embarcam.
 Observa o turbilhão de outros que aqui também sofrem
 O sangue já coagulando sacia a sede
 A carne agora tem outro sentido, outro valor.
 O que um dia proferiu falácias, hoje apodrece e de alimento serve
 a outrem não se faz entender

Assim como quando o pássaro que alça voo e toma distância e observa, e/ou como quando pousa em distinta paisagem, carece ser ou agir o professor-pesquisador que *repensa* suas práticas. Carece tomar distância e pousar os olhos sobre seus modos de ser, sobre seu corpo didático, seu corpo estudantil, sua *professoralidade* (VILLELA 1996) e olhar de outro lugar suas práticas cotidianas, seu fazer pedagógico. Seu corpo/campo de pesquisa é a sala de aula, seus estudantes, ele mesmo, territórios férteis por onde se promovem agenciamentos diários. Flanar/cartografar sua experiência, só isso já é muito. Agenciamentos formam territórios, “o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323). Mas ele reconstrói-se novamente, desta vez em algo novo, que produz o novo, o ainda não experienciado, que pode desencadear novas linhas de fuga.

Estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga. Nada de imaginário nem de simbólico em uma linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga, no animal e no homem (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.72).

Buscando alento nos escritos de Baudelaire (2005), e seu ‘*flâneur*’; Poe (2013, 2016) e seu ‘homem da multidão’ e também seu ‘corvo’, na escrita deste texto tais elementos surgem para arrostar com o professor-passante-cartógrafo-*flâneur*, o professor-*flâneur*-cartógrafo-pesquisador, que andarilha sempre à espreita, desejoso de

linhas de fuga, pelas trilhas e sendas, alamedas e vias que surgem em meio ao processo de pesquisa cartográfico.

A ideia de *flâneur* surge primeiramente em 1800 nos escritos de Charles Baudelaire, poeta francês, teórico e crítico de arte, e mais tarde nos escritos de Walter Benjamim, tais como “*Paris, the capital of the nineteenth century*” (1986) e “*On some motifs in Baudelaire*” (1939), e ainda no texto de Poe (2016) “O homem da multidão”. “O termo *flâneur* do Francês ‘vagabundo’, do verbo *flâner*, significa ‘para passear’, mas na literatura de Baudelaire toma outro sentido, ‘uma pessoa que anda pela cidade para experimentá-la’” (VILELA, 2009). Portanto, a imagem do *flâneur* surge nesta escrita para pensar a aproximação, deslizar entre essas ideias cartografar-flanar, seguir uma linha de fuga, deambular por entre caminhos de leitura e escrita que podem gerar encontros, proporcionar ideias, assim constituindo uma trajetória de pesquisa. Aquele que perambula por entre as linhas das palavras criadas nos textos e as linhas de fuga que escapam do ‘entre’ está à espreita e pode ser capturado por um encontro em dado momento. “Alguém à espreita é alguém aberto à turbulência do ‘fora’, se dispõe às afetações, atento ao inesperado. A qualquer momento alguma coisa pode acontecer; e não se sabe o quê” (VASCONCELOS, 2007, p. 01). Estar à espreita envolve o mover-se em meio a, dentro de, envolve o risco de criar e criar-se, de ser tocado por, de tocar em... É observar com olhar aguçado, perceber o mínimo que não se mostra, é entregar-se à paisagem e compor com ela, desconstruir e fazer-se nela.

2.1 - Trilhar caminhos, andarilhar e observar, estar à espreita, criar, cartografar...

Ao sair em caminhada só, Dante (1999) vaga perdido em seus pensamentos e se afasta enormemente de seu percurso. Encontra Virgílio em um território escuro e sombrio, onde uma enorme fera o espreitava. Era o princípio da jornada de ambos no inferno. Dante carrega consigo dúvidas, um enorme amor por Beatriz e pela vida, e reencontra nesse local personalidades as quais nunca esperou encontrar. O caminho foi de aprendizado, de dor e de reconforto; construção, *desconstrução* e *reconstrução*.

O caminhar é algo que fazemos só, mas, pode haver companhia, podemos escolhê-las ou sermos escolhidos. Andar nos põe em movimento, nos põe em força contra a inércia, nos põe em contato com paisagens que podem ser conhecidas ou não. Podemos, quem sabe, deixar migalhas de pão pelo caminho, ou quem sabe pedrinhas de inúmeros tamanhos, pétalas de flor, galhos, discos de vinil, roupas velhas que não nos

cabem, livros que não nos dizem mais nada, que não conversam mais conosco, podem ser brinquedos com os quais não brincamos mais, o que importa? O que realmente importa do que deixamos para trás para marcar nosso caminho? Importam, sim, as maneiras como voltamos um dia. Aprendemos algo no percurso e sempre que retornamos nele somos outros, pois estamos sempre nos construindo, *desconstruindo* e *reconstruindo*.

Importa, sim, o movimento. O ir e vir. Andar descalço com os pés nus no deserto, andar com os pés confortavelmente calçados pisando em minas terrestres em campos minados, ou ainda com esses mesmos pés ainda nus, atolá-los em charcos que dificultam as passadas. Andar é movimento que se faz com as asas do pensamento em riste, com os pelos do corpo eriçados, com a pele, fronteira do corpo sensível, à espreita, ao que pode ou não nos tocar, passar, atravessar...

Na construção desta dissertação me ponho em caminhada e faço, a partir do método cartográfico de pesquisa, um andarilhar por entre textos literários, escrita epistolar, artigos científicos, revistas de ficção, diários de bordo e surgem rizomas, linhas de fuga, caminhos, tocas para os pensamentos, assim como andam os ratos, uns sobre os outros (DELEUZE, 1995). Sempre à espreita, como se propõe estar o cartógrafo, assim como se propõe o *flâneur*. Desejo encontros, ideias, inspiração para enveredar por entre os caminhos possíveis de produzir sentido, e/ou corroborar com o processo de formação que busco como docente.

Vale ressaltar que toda pesquisa que empreendemos e visa a ocupar o pensamento, é uma viagem na qual o pesquisador embarca, é um percorrer caminhos já percorridos, pois de alguma forma percebe-se algo ‘novo’ que ainda não foi vislumbrado ao longo da trilha já andada por outros e por ele mesmo. De alguma forma, quando estamos em viagem há algo que se apresenta de forma inusitada, são novas impressões, marcas de sua experiência que irão impregnar o texto no qual são/serão relatadas as notas de sua pesquisa, tornando assim, então, seu trabalho inédito.

Produzo cartografia quando retorno na leitura deste texto e o *reinvento*, *redirecionando-o*, pois não sou mais o mesmo de antes, vejo outras coisas, sigo por um caminho que não é mais o mesmo. “O cartógrafo é formado nas problematizações do mundo, nos desvios, nos lapsos, ali onde algo escapa ou onde não encontramos o que ansiamos encontrar” (POZZANA, 2014, p. 61). O *flâneur* indivíduo solitário por vontade, que se perde em meio às multidões onde se dissolve, se desfaz, na/com a qual se envolve, é só mais um andarilho que passa por um cartógrafo não é a mesma coisa

que um *flâneur*, ou um observador. Um cartógrafo flana, sem dúvida, mas está aberto a que lhe passem coisas, a ser aberto por forças de acontecimentos. Com essa força, necessita produzir sentido, esboçar ideias para o território no qual se desloca e se reconstrói.

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andorilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem (NIETZSCHE, 2003, p. 306).

No processo de confecção de escrita desta pesquisa, é como flâneur que me percebo, um indivíduo solitário não por vontade, mas que se perde/dissolve em meio às leituras que faz das escritas errantes que produz, dos descaminhos/linhas de fuga que toma em meio ao percurso/processo de estudo, dos olhares/observações que surgem perdidas e que desviam a atenção a quase tudo na sua pesquisa.

Esta pesquisa trata de uma prática de escrita bem antiga e que parece pouco explorada nos dias atuais. Parte de uma escrita reservada e perene, “uma escrita silenciosa onde cada um imprime seus gestos, suas marcas, e pode chegar a uma escrita de si” (CAMPELLO, 2015). Trabalho como docente em um quinto ano do Ensino Fundamental na Escola Técnica Estadual Prof^a. Sylvia Mello, no bairro Fragata em Pelotas – RS. Começo a trabalhar com a escrita de cartas em 2014, mas a pesquisa se dedica a pensar a correspondência no ano de 2015. A referida turma produziu textos epistolares, cartas manuscritas que apareceram como uma técnica de ensino vigoroso. No ano de 2014 a proposta era de mitigar obstáculos existentes no aprender desse conjunto de estudantes. À medida que fui apresentado às filosofias da diferença e dei início a esta pesquisa, o rumo e as aspirações da proposta mudaram.

A prática de escrita de cartas pessoais permite/possibilita trabalhar de um modo em que o que interessa são os movimentos de construção da escrita, posteriores leituras, discussões sobre fatos de nossas vidas, apontamentos, conhecimentos, dúvidas e ausências de conhecimentos. Permite que cada um dos envolvidos se constitua a si mesmo, que palavras nasçam e se refiram a si próprios. A escrita que parte da experiência, aliada ao método cartográfico de pesquisa, provoca a construção de um olhar, uma narrativa sobre nossas vidas.

Após atividades de correspondências como projeto de extensão em 2014, na pesquisa - 2015/16 - houve a necessidade de ir além de atividades redentoras de dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita de meus alunos, sem esquecê-los. Eles passaram a me permitir trabalhar com um processo de formação mais amplo. Ao fazer esse movimento e ajustar o foco investigativo, percebi que não pretendo pesquisar acerca da sua aprendizagem de conteúdos gramaticais e de letramento, mas cartografar os movimentos de minha formação em relação aos dos meus estudantes na escrita de suas cartas. Essa atividade é o que me faz pensar sobre minhas práticas pedagógicas.

Quero, sim, como um *flâneur* caído, capturado em voo, analisar os momentos subjetivos de formação ocorridos comigo como docente, a partir do momento em que me envolvi com a escrita da pesquisa. Só isso já é muito. Espero problematizar esta experiência, se precisar deixar questões em aberto, que fiquem, pois ao tempo certo serão respondidas, ou não. O que importa?

O *flâneur* caído, professor-*flâneur*-cartógrafo-pesquisador se inquieta e “representa uma experiência imersiva e ação simultânea que respeita ao conhecimento, na medida em que faz com que provoca e é provocada pela reflexão do discurso³” (FARINA et al 2014, p. 154) e se põe a pensar e produzir sentido com seus atos, observando de um modo diferente suas práticas.

2.2 - Uma perspectiva distinta sobre o método.

O método cartográfico de pesquisa permite trabalhar de uma forma/modo em que o que interessa mais é o processo, e não os resultados, ou seja, os movimentos de construção das atividades, das discussões, do que se pensou em fazer, do que foi feito. “Cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008, p. 469). A proposta cartográfica de investigação não prestigia os fins em si, mas os meios, os fazeres e não a conclusão. O que se estava produzindo nesses estudantes durante tal processo de escrita e leitura das cartas? O que os movia a escrever? Era o desejo do professor-pesquisador com sua proposta didática ou suas vontades e curiosidades? E quais seriam elas?

³ “supone una experiencia de inmersión y de acción simultánea que atañe al saber, en la medida que provoca y es provocada por la reflexión y el discurso.”

Ao dar possibilidade a que “os instrumentos sejam forjados, *re-situando-os* sempre a partir do plano de relações que produz a pesquisa a partir de si mesmos” (CÉSAR et al, 2013, p. 359), o cartógrafo escava um túnel com as próprias mãos e, em dado momento, esbarra em uma rocha. É preciso então desviar, seguir por outro caminho, mas não deixar para trás tudo o que se coletou e se produziu. É como na escrita desta pesquisa, a partir do estudo e de conceitos no processo de construção da dissertação, faço cartografia, pois escrevo, leio, e sempre que *reescrevo* sou outro, pois traço linhas nas naveas do pensamento, fazendo-as criar relações consigo mesmas. Teias, redes, rizomas, planos comuns, arranjos...

No decorrer desta escrita às ideias vão surgindo e algumas são acrescentadas, outras descartadas. A leitura de outros textos e o flunar por entre outras vias produzem encontros. Alguns excertos na cartografia brotam/surgem como um estilo na configuração do trajeto da pesquisa e implicam profundamente as ações no ato de produzir, de entender os alinhavos das redes, das teias, do rizoma. É importante dizer que um “rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 04), nas oscilações da construção do campo conceitual, por exemplo, dos mapas e dos platôs por onde o pensamento se faz. No projeto com as cartas, a escrita das mesmas provocava a leitura de outros textos, a leitura de outras missivas, promovia o aprendizado de outros conteúdos que remetiam a encontros com outros temas, e até mesmo um novo olhar sobre o que já se sabia.

Na cartografia da ciência geográfica aprendemos inúmeras definições sobre escala, topografia, paisagens, localização, hidrografia etc. para unir tais elementos em um croqui, uma carta topográfica ou um mapa para interpretar/ler tal documento. Na cartografia proposta por Deleuze e Guattari (1995), o procedimento cartográfico assume outra política. Experiências, acontecimentos e conceitos se aliam e mergulhamos em outros campos. Trata-se de uma geografia dos afetos, das sensibilidades, dos movimentos e das subjetividades que podem, assim, pensar sobre procedimentos de transformação que afetem/possibilitem implicações no individual e também no coletivo. Pesquisador e problema de pesquisa. Pesquisador do problema de pesquisa. Segundo Rolnik (1989),

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo do social. E pouco importa que setores da vida social toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar desde os movimentos

sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência [...] (ROLNIK, 1989, p. 65).

Para o cartógrafo, a todo instante surgem pistas, trilhas, sendas. “Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas”, que as possibilidades de fuga se apresentem (idem). “[...] a cartografia não depende de um plano a executar, de um conjunto de competências a adquirir ou de uma lista de habilidades a aplicar em determinado campo pelo pesquisador” (FARINA, 2008, p. 09). Para isso, é necessário estar atento, em silêncio, à espreita.

Filho (2013) diz que a cartografia:

Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência (FILHO et al 2013, p. 46).

Seguindo caminhos cartográficos de pesquisa, Rolnik nos orienta que o cartógrafo “[...] leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações – este cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente”, (ROLNIK, 1989, p. 69). Assim, como critério de ação busco criar rachaduras no domo, criar fendas que possibilitem gerar experiências com aqueles com os quais compartilho as minhas; como princípio tenho o de que tudo pode ser questionado e que há sempre a possibilidade de se experienciar de inúmeros modos o que nos instiga/afeta; e como regra, a de que sempre há algo novo a se olhar na paisagem que se mostra, mesmo que seja a que observamos cotidianamente, e que esse olhar implica uma entrega nova, que não pode ocorrer pela metade, construindo, desta forma, um roteiro de preocupações.

É aqui que inclino o olhar sobre textos que tratam da ideia de *flâneur*, proposto na escrita de Baudelaire, tais como “O novo *flâneur*” de Passos (2003), “O último suspiro do *flâneur*” de Saturnino (2012), “Homem da multidão e o *flâneur* no conto - O homem da multidão de Edgar Allan Poe” de Massagli (2008) e os aproximo silenciosamente, sem produzir ruídos ao que penso do ‘ser’ cartógrafo. Há este *flâneur* do poeta ao qual conjuro as habilidades do cartógrafo, pois ambos observam, estão à espreita e em silêncio. Dou voz aos gorcejos do corvo de Poe, e também ao meu que pousa seu olhar sobre uma multidão que observa um corpo desfalecido, e observa a multidão se dispersar para poder se alimentar. Professor-cartógrafo-andarilho,

professor-passante-cartógrafo-*flâneur*, pássaro-cartógrafo-passante-*flâneur*, professor-*flâneur*-cartógrafo-pesquisador à espreita...

Caçador, pássaro-cartógrafo-passante-*flâneur*, caça. Predador. Presa. Esconder-se. Observar. Caminhar por ‘entre’ sendo mais um na paisagem.

2.3 - Amarrações das redes, das teias, do rizoma.

Este professor tem a possibilidade de inovar e pôr em ação uma prática educativa que poderia amenizar as dificuldades que encontra no início de cada ano letivo em seus estudantes: aquisição da escrita e leitura de forma efetiva. Para Pereira et al (2012, p. 963), “inovar é ‘transformar a própria prática’ e relembramos que a fonte da inovação endógena é a prática reflexiva”. Esse mesmo professor observa sua turma de vinte e dois estudantes com faixa etária entre os dez e doze anos de idade e vê suas dificuldades em ler e compreender o que escrevem, que precisam ser sanadas. Em que medida esse professor pode contribuir para potencializar a capacidade de escrita e leitura do ser aprendente?

Repenso minha prática. É aqui que possibilito transformar-me e provocar encontros com esses estudantes. Será que ao sair do quadro de giz, das práticas tradicionais de ensino-aprendizagem, inovo? Será que trago a possibilidade de escrita de modo efetivo, quando proponho a leitura de textos ‘reais’ a esse grupo de estudantes, escritos por pares, com os mesmos ‘erros’ com os quais eles estão acostumados a produzir os seus textos, com as mesmas dificuldades de interpretação que eles têm ao ler? Será que lhes possibilito um encontro consigo mesmos? Será que proporciono encontros em seu modo cotidiano de aprender? Será que possibilito uma escrita a partir de suas experiências?

O que importa para o cartógrafo não é tanto os resultados como os movimentos. É a aspiração de proporcionar a esses estudantes uma experiência que, talvez, lhes atravesse, que os modifique de algum modo, que lhes oportunize, quem sabe, encontros que talvez antes nunca tenham experienciado através do uso da escrita, através do uso da palavra que este professor-cartógrafo também experimenta. Pensando a palavra em Larrosa (2002), essa que nos determina, que nos dá sentido em tudo que somos e na forma como agimos, desejo que tais estudantes deem um sentido próprio, seu sentido à palavra ‘espera’, seu sentido à palavra ‘escrever’.

Ser cartógrafo não é algo que se define/produz a partir de percursos já gerados, de caminhos já seguidos, nem mesmo do uso de ferramentas ou utensílios específicos ou ‘próprios’ para a pesquisa, pois toda pesquisa se torna nova quando se aprende a observar, assim como o caçador que sai em busca da presa. Ao cartógrafo a pesquisa vai se construindo, assim como ao caçador as pistas vão surgindo em trilhas novas ou velhas e vão sendo seguidas. O *flâneur* que deambula em meio à multidão e que aprendeu a se dissolver em meio a ela aprendeu a extrair dela material para contemplar. Vaga solitário, aprendendo cada detalhe do que observa sem ser percebido, sempre à espreita, assim como o caçador à espreita da presa, assim como o cartógrafo à espreita do que pode ser pista. Ao cartógrafo, “o que importa é que, para ele, teoria é sempre cartografia – e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha. Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência” (ROLNIK, 2011, p. 65).

Uma escrita cartográfica pode nascer sem início, sem meio ou fim, sua leitura pode ocorrer do mesmo modo, mas a cada olhar ela se anuncia distinta, provoca uma nova reflexão, possibilitando a cada leitura uma nova interpretação, uma nova caminhada por um caminho já composto, mas que se *reconstrói* a cada novo passo, possibilitando uma nova saída, abrindo fendas pelos territórios já percorridos.

2.4 - Um caminhar por entre uma literatura despretensiosa.

É uma noite fria em Nova York. O inverno é rigoroso. O Caçador Sinistro, filho de Kraven, o Caçador (*rust in peace*), é inimigo antigo do Homem Aranha. Após um encontro indesejável com Kaine, (primeiro clone de Peter Parker que não correspondeu às expectativas de seu criador) e com o Aranha Escarlate (Ben Reilly) nessa noite fria, acaba por chegar ao Central Park. Seguiu pistas, rastros e odores de seu mais novo inimigo. No primeiro confronto que os dois tiveram no início dessa noite, assuntos ficaram pendentes. E o sentimento de vingança ainda paira no ar.

À espreita, o Caçador Sinistro observa. Sente o vento gélido cortar sua face. Sente o cheiro do inimigo impregnado no ar frio. Seus pés afundam na neve macia e fria. As árvores não possuem mais folhas. A seiva corre lenta por entre seus sulcos. Suas cores cinza e marrom contrastam com seu uniforme e o Caçador Sinistro se mescla à paisagem. A lança em riste contém um veneno que pode matar qualquer presa. A caça

logo será abatida. Ele procura se esconder em meio à paisagem. Surpreender sua presa é sua maior vantagem nesta luta que se aproxima, assim pensa o Caçador Sinistro⁴.

Na ficção do universo Marvel (2016), muitos dos heróis e vilões que povoam esse universo obtêm seus poderes a partir de experimentos, explosões químicas e exposições a substâncias radioativas, entre tantas coisas. Dentre todos que conheço, um me chama atenção: é o Caçador Sinistro, filho de Kraven. O feroz e exímio caçador Sergei Kravinoff, filho de uma abastada família Russa czarista, é um dos mais perigosos inimigos que o Homem Aranha já enfrentou.

Sendo um grande caçador, Kraven sempre estava pronto para um confronto. Fez fama na América e na África por nunca ter perdido uma luta. Sempre derrotou suas presas/caças, mas quando seu meio irmão Dmitri Smerdyakov, o Camaleão, o convida a participar da maior e mais perigosa caçada de sua vida - caçar o Homem Aranha em Nova Iorque -, ele aceita. Uma sucessão de derrotas o aflige, mas ele aprendeu com os erros. De tantas anotações que fez em seu diário e de tanto observar, de estar à espreita estudando seu inimigo, um dia ela conseguiu cumprir seu objetivo. Drogando o herói aracnídeo ele o derrota e sua meta chega ao fim, seus propósitos se cumprem e então ele resolve dar cabo a sua vida, pois não há mais nenhuma presa que lhe impingirá desafios.

Mas, como neste universo de ficção sempre existem linhas de fuga, rizomas, agenciamentos, não demorou muito para que surgisse o Caçador Sinistro, Vladimir Kravinoff, filho legítimo de Kraven, e tão feroz quanto seu pai. Vladimir teve acesso aos diários de Kraven e, a partir das anotações de seu pai tornou-se o Caçador, tão feroz e com as mesmas metas do antigo, ou seja, com as características de seu antecessor, só que ainda mais brutal.

Li inúmeros gibis, cartografando vários personagens, mas por fim acabei me encontrando novamente com um personagem que há anos havia sido para mim um alento e recorro aqui ao momento em que adquiri meu primeiro exemplar, que mudou meu modo de ver o mundo que me cercava e mudou meu processo de alfabetização, que ocorreu já bem tarde, na terceira série do Ensino Fundamental. Isso ocorreu em um momento em que o chão abriu-se sob meus pés. A leitura foi algo que se apresentou a mim de uma forma bem particular. Desde cedo os gibis estiveram ao meu lado, me auxiliando e dando ar aos pulmões.

⁴ A descrição feita é das cenas (quadros) das páginas 40 e 41 da revista em quadrinhos “A Teia do Aranha”.

Ainda lembro qual foi o primeiro gibi que comprei e onde. Foi o exemplar de nº 09 do Espetacular Homem Aranha, em um sebo que havia na Rua Félix da Cunha próximo à Faculdade de Direito, em frente ao Colégio São José, aqui na cidade de Pelotas – RS. Foi ali que tive o primeiro contato com esse universo, e consegui observar as coisas, viver as histórias que o herói aracnídeo vivia como se fossem minhas. Eu dizia a mim mesmo: “se ele consegue, também consigo”.

Hoje, relacionando esses personagens com o método cartográfico de pesquisa, penso no Caçador Sinistro que não se tornou caçador de uma hora para outra, levou anos de preparação, estudos, leitura (do diário de seu pai), treinamento e dedicação. Sim, ele ingeriu uma fórmula que ampliou seus sentidos, mas como todos no universo Marvel, ele foi mais um. Penso no cartógrafo-pesquisador como um Caçador Sinistro que sai a campo e faz sua cartografia, sua pesquisa, estudando seus inimigos para assim poder travar seus embates e conseguir suas vitórias.

A pesquisa cartográfica exige dedicação, estudo e preparação como em qualquer outro método. Não se abandona o que se sabe, mas se amplia, modificam-se os sentidos. Dessa forma tudo se apresenta como caminhos que podem ser abertos. Os personagens movimentam-se pelo pensamento, que é rizomático.

Não se pode conter o furo de um cano sem se molhar, assim como não basta pensar de forma linear a pesquisa quando se descobre a cartografia. São as portas da percepção que são abertas, sentidos são ampliados, palavras são cortadas ao meio como achas de lenha que já foram partidas, dando um novo sentido/uso a elas.

Ao escrever minha dissertação e me sentir desconfortável com o fato de não conseguir apreender os conceitos, me movi para outro lugar, me *desconstruí*. Houve uma inquietação, um abismo enorme abriu-se sob os meus pés. Era preciso ler, era preciso compreender do que se tratavam os conceitos, era preciso saber, reconstruir-me em outro lugar e essa reconstrução, essa leitura, era feita a partir das revistas em quadrinhos, dos poemas e dos contos, ali eu buscava um fio norteador que me incitasse a ler, que me desse empurrões aos livros e aos conceitos que precisava entender, que me produzisse e me colocasse no caminho de minha escrita de dissertação. Encontrei o ‘Caçador Sinistro’, o ‘*flâneur*’, e ‘O homem na multidão’, e também *reencontrei* ‘o corvo’ de Poe. O cartógrafo-pesquisador-professor-andarilho.

Essas leituras me colocavam noutra lugar e assim, devagar, no meu tempo os passos eram dados um de cada vez. Fui me compondo, *recompondo* e *desconstruindo*, tudo ao mesmo tempo. As leituras de outros livros foram surgindo, novas pistas foram

nascendo e sem perceber percorri um caminho com pegadas que iam me conduzindo a leitura de meus intercessores. (DELEUZE, 2013).

A leitura de outros textos que comungam no mesmo pensamento, textos dos próprios autores, brotam/surgem na cartografia como um estilo na configuração do trajeto da pesquisa, pois implicam profundamente as ações no ato de produzir, de entender as amarrações das redes, das teias, dos rizomas, da possibilidade de acompanhar o cortejo onde “os instrumentos sejam forjados, *resituando-os* sempre a partir do plano de relações que produz a pesquisa a partir de si mesmos” (CESAR et al 2013, p. 359). Produzi esta escrita a partir da construção dos conceitos que foram sendo absorvidos no processo de construção desta dissertação. No momento em que os conceitos são apreendidos e percebo na prática seus atravessamentos, percebo que se deve deixar falar também o pesquisador, deixar fluir suas experiências com a leitura apreendida, pois de nada valerá tal leitura se não for apreendida. “Lê-se para se tornar alguma coisa, um perigo” (TERRA, 2012, p. 07). Os conceitos precisam ser dosados com a escrita da experiência.

Estava à espreita, com os livros em riste, com os artigos a postos e a sensibilidade acurada. Assim como o Caçador Sinistro, busquei trilhar caminhos que fossem para além da leitura instrutiva, pois a cartografia possibilita esses encontros. Ao cartógrafo é preciso ampliar seus sentidos, mas isso se faz trilhando/percorrendo as pistas que a pesquisa vai criando, agenciando no processo que se dá entre a leitura que o indivíduo faz, que lê a língua que o mobiliza a ler. (DELEUZE, 1998).

3 - Cartas entre salas de aula: formação, acontecimento e viagem.

Nas páginas deste capítulo exponho as experiências de dois professores que têm um encontro a partir de um projeto de escrita e leitura que ocorre desde 2014: uma professora colombiana e eu próprio. Em um primeiro momento, iniciando o diálogo, situo o leitor sobre o projeto, que começa como atividade de extensão e avança para uma pesquisa em 2015/16. Proponho apresentar o referido projeto e como se deu o encontro com a professora colombiana que, em seguida, nos leva as suas reflexões. Este texto se propõe a ser uma composição escrita a partir de experiências de formação: relato dos professores sobre a experiência/encontro da troca de escritos epistolares e como essa prática de escrita permeou processos dos estudantes de cada docente e o dos próprios docentes. Pensando com Larrosa (2015, p. 52) sobre o processo de formação, “é justamente uma viagem no não planejado e não traçado antecipadamente, uma viagem aberta em que pode acontecer qualquer coisa, e na qual não se sabe onde se vai chegar”. A formação aqui é pensada como viagem, ou “viagem de formação” (idem) em que se pretende um olhar para si através da palavra, através da escrita, da escrita epistolar que nos faz experimentar o mundo que nos cerca, apresentando paisagens novas a cada nova carta que chega ou vai, “assim, a viagem exterior se enlaça com a viagem interior, com a própria formação da consciência, da sensibilidade e do caráter do viajante” (LARROSA, 2015, p. 53).

Este capítulo pretende trazer um diálogo que perpassa o contexto de um processo de formação, compreendendo a escrita como uma prática capaz de reinvenção de modos de pensar e ser, a qual nos faz ponderar sobre os encontros que nos atravessam em procedimentos de formação. Ao outro se escreve com o desejo de se dizer, encontrar-se através dele. A partir da escrita, escreve-se para si, “trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 1992, p. 131). Ao escrevermos lemos e ao lermos nos constituirmos aos poucos. Desta forma, observarmos o que se passa; o que nos passa, “os gestos que assumimos e suportamos do que nos acontece - o acontecimento - e é neles onde acontece uma experiência não meramente prescritiva de formação ou regras⁵” (BÁRCENA 2012, p. 67). Escrevemos-lemos-escrevemos num

⁵ “los gestos donde asumimos y soportamos lo que nos pasa – el acontecimiento – y es en ellos donde acontece una experiencia no meramente prescritiva o normativa de la formación”.

exercício, como forma de atividade que nos implica. E quando o fazemos, estamos em outro território, como em um território compartilhado, um território fértil, transformador, a partir de acontecimentos e de encontros que nos exigem formas de expressão. O encontro em Deleuze (1996) dispara uma força criativa.

A escrita como interlocução, como processo de formação entre dois, surge, aqui como instrumento de formação, “a questão não é que, a princípio, não sabíamos algo e, no final, já o sabíamos” (LARROSA, 2015, p. 52), mas sim, a produção de algo dialogado que incorpora um aprendizado. É o novo que se apresenta e se equilibra nas linhas abissais do papel, buscando pensar a escrita como encontro e como meio/forma de expressão libertadora que nos possibilita romper linhas impostas. “A escrita transforma a coisa vista ou ouvida” (FOUCAULT, 1992, p. 134), dá sentidos ao que queremos nominar e neste nominar temos a oportunidade de produzir um exercício de autoexperimentação - sendo que o ‘auto’ aqui se torna uma conjunção, uma mútua implicação. A cartografia cria movimentos próprios, descaminhos que surgem conforme as pistas dos trajetos vão se desvelando. Não há regras rígidas que precisam ser seguidas, mas critérios. É um deslocar-se por entre, é o estar aberto, à espreita, como diz Deleuze (1995), ao que é/pode ser pegada/pista a ser seguida, é estar em vigília com olhar sensível ao que pode produzir indícios, é tecer conceitualmente uma discussão unindo a experiência “comum de problematizar a relação entre pesquisar e habitar um território existencial” (PASSOS et al 2015, p. 132). Neste sentido, na escrita epistolar, “a carta pode constituir-se em material privilegiado, talvez menos como comprovação, talvez mais como indício, como pista que instiga outras descobertas, a outros entrecruzamentos, a outras decifrações” (CAMARGO, 2011, p. 30). Por tal motivo este capítulo move-se a partir do encontro da escrita de dois docentes e seus discentes de países distintos, com línguas distintas, mas que compartilham na experiência epistolar um processo de formação.

Optamos por construir o texto com uma e outra escrita – a do professor brasileiro e a da professora colombiana: seus timbres e hálitos, assim como suas reflexões. Não buscamos homogeneizar nossos discursos, mas possibilitar que eles se encontrem em suas diferenças e nos possibilite pensar nossas práticas.

3.1 - Apresentando o projeto...

O projeto de extensão tem sua origem em uma situação que ocorreu em sala de aula no ano de 2013, em uma escola técnica estadual do sul do Brasil. Uma aluna que era oriunda do estado do Amazonas – AM retornaria a morar nesta localidade e estava muito triste com esse fato, pois iria perder o contato com suas novas amigas feitas na escola onde estava estudando. Foi quando lhe sugeri que escrevesse cartas para suas colegas. Isso possibilitou pensar uma nova prática de ensino em sala de aula. Os desdobramentos seguintes levam-me a um Seminário de Orientação à Pesquisa do curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Educação, no ano de 2013, o qual cursava, e a um projeto de extensão junto à minha então orientadora, Prof^a. Cecilia Oliveira Boanova, no qual passamos a trabalhar no ano de 2014, desenvolvendo atividades com a turma de quinto ano em que eu lecionava.

No contexto de sala de aula, com meus estudantes, antes de eles terem os primeiros contatos com a escrita epistolar foi preciso explicar o gênero ‘carta’, que está contemplado nos conteúdos programáticos dessa etapa de ensino, assim como as formas em que esse modelo se apresenta em nosso cotidiano: faturas que chegam envelopadas, bilhetes, as próprias cartas pessoais etc. Fizemos antes de tudo uma contextualização sobre os elementos que compõem uma carta, envelopes, selos etc., o surgimento e suas funções e algumas curiosidades a respeito desse gênero textual. Interpretamos a escrita de cartas, bilhetes retiradas de trechos de revistas, etc. Produzimos algumas cartas, escrevendo para nós mesmos, para nossos familiares e trabalhamos a arte postal enfocando pontos turísticos de nossa cidade.

Essas atividades preliminares marcaram o início do trabalho, mas as atividades de escrita epistolar efetivamente começaram com a participação de uma professora e de seus alunos, também do quinto ano de uma escola particular de Curitiba, no estado do Paraná, Brasil. Nessas cartas, ambos os grupos de estudantes apresentaram-se uns aos outros de uma forma bem tímida, foram conhecendo-se em suas poucas linhas. Infelizmente foram somente duas remessas de cartas enviadas a essa escola. Mas, logo em seguida algumas outras cartas também partiram para as cidades do Capão do Leão e para a cidade de Medellín – Colômbia. Recebemos visitas em virtude de um intercâmbio que ocorre entre o Programa de Pós-Graduação em Educação do IFSUL, campus Pelotas, e duas universidades dessa cidade, Universidad de Antioquia e Universidad San Buenaventura. Através desse intercâmbio, alguns professores colombianos despertaram curiosidade pelo projeto que aqui desenvolvo e passamos a trocar cartas com estudantes de três escolas daquela região, cujos docentes estudam

naquelas universidades, Institución Educativa Miraflores, Institución Educativa Juan María Cespedes; Institución Educativa Héctor Abad Gómez. As cartas eram escritas em suas línguas maternas e não foi utilizada a forma tradicional de envio/recebimento, ou seja, postagens a partir dos correios. Outros ‘carteiros’ surgiram: alunos e professores das instituições envolvidas em atividades de intercâmbio que levavam e traziam os pacotes. Não somente cartas foram trocadas, muitos doces, balas, pirulitos, livros e artesanatos típicos regionais foram enviados de um a outro correspondente.

Essas trocas tornavam as escritas prazerosas. Sempre que recebíamos algum envelope sabíamos que algo mais estava ali. Existia muita expectativa no recebimento das mesmas. Foram trocas que proporcionaram a ambos os grupos envolvidos experiências excitantes. Aos estudantes e a mim como docente, podemos dizer que foram experiências inovadoras, encontros fecundos no contato com nativos de outra língua/cultura que possibilitaram um novo olhar sobre o que se aprendia nos livros, por exemplo. Tal experiência a muitos de meus estudantes foi encantadora e inusitada, assim como para mim, pois tive a oportunidade de despertar a curiosidade de outros pares através de uma prática de ensino que, entre outras coisas, proporcionou uma série de atividades que se desencadearam de forma rizomática, onde a cada momento uma proposta sugeria uma nova troca de correspondência.

No ano de 2015 as atividades de escrita/leitura ocorreram com duas turmas distintas de correspondentes: estudantes de uma escola rural no segundo distrito do município de Piratini – RS - e alunas colombianas do Colegio Universidad Pontificia Bolivariana, que se encontra encravado no bairro Laureles, na cidade de Medellín.

3.2 - A escrita epistolar, possibilitando encontros...

Pensar a escrita encarna outros tons e reverbera outras notas quando é percebida como processo de formação que nos auxilia/possibilita inventar modos de existir, fictícios ou não. No ato de escrita que decorre de um encontro, deriva sentir as forças que nos arrastam, nos repelem, cegam ou retiram véus, emudecem ou nos pedem expressão. Nesse processo há a efetiva formação que ocorre enquanto tais caminhos são percorridos, “para realmente aprender alguma coisa precisa-se estar presente na aprendizagem: em sua marcha e sua dificuldade. Deve-se expor. Viajar a pé, não de

cima. Concentrando todos os sentidos no caminho que se percorre”⁶ (BÁRCENA, 2012, p. 49). Conduzir a nau no mar agitado das palavras e ser conduzido por ele, navegar sem bússola, guiado por estrelas em noite de tempestade. Bárcena nos diz que “podemos pensar a educação desde diferentes perspectivas e linguagens”⁷, (2012, p. 66) pois, ao tratar da escrita como processo de formação em educação nos constituímos e somos interpelados pelas forças que habitam os acontecimentos.

Há silêncio na escrita quando as palavras se calam, é preciso saber ouvir esse silêncio, “um certo silêncio. Mas um silêncio que tem a ver sim com calar uma língua inútil, ou melhor, com a rendição de uma linguagem degradada”⁸ (LARROSA, 2003, p. 338). Imbricado no processo de formação, o silêncio ocorre quando estamos encanecidos, imersos no vazio de nossos casulos e não *revemos* nossas práticas, não *repensamos* nossos encontros, os quais nos atravessam diariamente, acontecimentos que passeiam entre as sombras que deixamos escapar como matéria de formação. “O acontecimento é o que chega, o que vem de surpresa e não se pode; prever ou antecipar; é o que rompe e rasga a continuidade de uma determinada experiência do tempo”⁹ (BÁRCENA, 2012, p. 69). Um acontecimento como experiência pode nos colocar em contato conosco na medida em que cancela a linguagem envelhecida e habituada, com a qual nos referimos a nós mesmos. A escrita pode ser uma forma de oferecer trânsito a uma experiência que abre o tempo, que o destempera: experiência que carrega em si um acontecimento.

Escrever encarna outra prática: ler. Ler as palavras, o mundo, os signos e a nós mesmos. Há experimentação na escrita, pois na educação a leitura estimula atravessamentos e rizomas na combinação de sílabas e classes gramaticais, no planejamento de aulas sobre vogais e consoantes, em que professor e aluno deslizam uns/umas sobre os/as outros/as, nos estudos e dúvidas que possibilitam ideias, permitindo o ato e a vontade que transita pelo pensamento como ratos em tocas, que deslizam uns sobre os outros. “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 04). Nos processos de formação não podemos precisar se a escrita ou a leitura impele ou acolhe um

⁶ “para aprender de verdad algo hay que hacerse presente en el aprender: en su marcha y en su dificultad. Hay que exponerse. Viajar a pie, no desde las alturas. Concentrar todos los sentidos en el camino que se recorre”.

⁷ “podemos pensar la educación desde diferentes perspectivas y lenguajes”.

⁸ “un cierto silencio. Pero um silencio que tiene que ver más bien com el acallamiento de un lenguaje inservible o, mejor, con la renuncia a un lenguaje envilecido”

⁹ “El acontecimiento es lo que llega, lo que viene por sorpresa y no se puede anticipar, ni planificar; es lo que irrumpe y rasga la continuidad de una determinada experiencia del tiempo”.

acontecimento. Ambas fazem parte desse processo que, na cartografia, funciona rizomaticamente.

A escrita cria linhas, pegadas de mundos visitados que deixamos para marcar nosso retorno à razão ou ao delírio. A escrita encarna outros personagens/criaturas, que nos povoam e dão formas ao pensamento e nos levam além de onde fomos, (DELEUZE; GUATTARI, 2004). A escrita abre sulcos e cria rugas em nossa pele. Cria platôs por onde nos movemos, jardins movediços que se movimentam centímetro a centímetro, toda vez que plantamos uma palavra. Deleuze (1992, p. 176) diz que “o ato de escrever não tem outra motivação que não a de dar vida, de liberar a vida onde está aprisionada”. Não há escrita que esteja completamente concluída, sempre existirão reticências, verbos que poderão complementá-la, alterá-la, enriquecê-la, é um estar por fazer... Escrever autoriza a instruir-se com o próprio pensamento. “Escreve-se para se tornar alguma coisa, outro perigo” (TERRA, 2012, p. 07).

A construção do pensamento pela palavra expressa gesto e movimento. Para Camargo (2010, p. 14), “ao imergir em páginas e páginas de leitura, abrem-se-nos possibilidades de um caudal de pensamentos que nunca se sabe onde vai dar. A esses modos relacionam-se questões para pensar em formação”.

Se aprende, ou se pode aprender alguma coisa quando é lido um livro, assim como quando estamos diante de uma expressão artística - música, pintura, literatura, cinema - ou passeamos pela cidade. É aprendido ou pode aprender. Há em todos esses encontros uma potência de aprendizagem. Isto significa algo que nos acontece. (BÁRCENA, 2012, p. 47).¹⁰

Isso significa que algo nos acontece. O aprender, a experiência e o acontecimento, neste sentido, são indissociáveis e nos implicam. Quando a distância se torna a força que impele o desejo de proximidade, a força da grafia empresta sentido à palavra e ao mundo, e a carta aproxima o que não está junto, “a missiva, texto por definição destinado a outrem, dá também lugar a exercício pessoal [...]. A carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 1992, p. 135). O escritor, o correspondente e o amigo que escreve compartilham sua experiência ao leitor/correspondente, e vice-versa, e fazem transcorrer caminhos e paisagens,

¹⁰Se aprende, o se puede aprender algo, cuando se lee un libro, del mismo modo que cuando estamos ante una manifestación artística – música, pintura, literatura, cine – o peseamos por la ciudad. Se aprende o se puede aprender. Hay en todos estos encuentros una potencia de aprendizaje. Esto significa algo nos pasa.

provocando para outros olhares em um cenário que se mostra. “Escrever é, pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (FOUCAULT, 1992, p. 136). Escrever/ler é desejo em movimento, é experimentar os encontros que ela, a escrita/leitura, tem para oferecer. Escrever pode ser acolhida para a força de uma experiência, pode dar expressão a um acontecimento e à aprendizagem que lhe é imanente.

A escrita epistolar, antes um importante meio de comunicação e interlocução, perde sua força em pouco mais de três décadas em virtude da grande expansão/evolução das tecnologias de informação/comunicação que hoje oxigenam seus pulmões na rede WEB. Essas tecnologias constituem-se, assim, na invenção e incremento de inúmeros modos de emissão e exibição de informações, que ganham força nas vantagens práticas do envio de textos através dos correios eletrônicos, possibilitando com que este seja sinônimo de benefícios quando utilizado, tanto por pessoas físicas quanto por empresas público-privadas.

O clique, uma, duas, três vezes, e assim sucessivamente. Uma, duas, três ou mais horas sob a luz intensa do monitor. Frenética ou calmamente, algo quase que instantâneo onde temos a nossa frente o simples comando ‘enviar’, ‘minimizar’, ‘fechar’, ‘salvar’, ‘não salvar’, ‘cancelar’. Janela a janela, mundos se fecham, portas se abrem, possibilidades surgem, textos se vão, se esvaem, navegam na rede no emaranhado de outros tantos. Surfam na onda, que se avoluma a cada instante, tsunami de informações. “Esta é a era da informação. A época das opiniões sobre tudo, mesmo que sejam vazias. Esta é a época em que todos opinam sobre tudo” (LARROSA 2002). Futebol, política, religião, sexo, violência e...

Existe um oceano de possibilidades entre esta “conjunção que possibilita se propagar entre, por dentro, recostando-se nas laterais, rasgando-se por meio dos verbos e atravessando-os ao meio. Formando rizomas” (DELEUZE, 1995). Dependendo do veículo que é utilizado, às respostas são imediatas. Facilidades, benefícios, vantagens ou não, disseminando-se rizomaticamente. Não se sabe onde tem o início, o meio, ou o fim. Todos surgem em uma grande rede. “A informação não deixa espaço para a experiência” (LARROSA, 2002). “O sujeito moderno é um sujeito informado que opina demais. E alguém que tem uma opinião pretensamente pessoal e pretensamente própria e as vezes pretensamente critica sobre tudo o que se passa” ¹¹(LARROSA, 2003, p.

¹¹ “El sujeto moderno es un sujeto informado que además opina. Es alguien que tiene una opinión presuntamente personal y presuntamente propia y a veces presuntamente crítica sobre todo lo que pasa”.

169). A seu modo, cada um dos docentes envolvidos no processo de escrita das cartas que este texto propõe discutir experienciou um novo/velho tempo. Um tempo de espera, um tempo de escuta, um tempo de si com o outro. Houve várias experiências. Ou seria um continuum de experiências desdobrando-se no tempo?

Cada um de nós provou do hálito preenhe no papel que as cartas traziam das cidades de onde eram enviadas, das próprias pessoas que as enviavam, das viagens feitas. Possibilitou-se um olhar novo sobre algo que se conhecia, a própria docência, os próprios alunos. Na escrita do outro havia suas paisagens, seus parques, praças, ruas, seus prédios, seus aromas intensos de café e gostos através das balas, dos desenhos/fotos que eram enviados nos pacotes. Esse era um espaço de formação e entrega ao outro e a si próprio, transitando por um caminho delicado, intenso, incólume e volátil. Delicado e incólume, pois o caminho é o mesmo de antes, com as mesmas pedras, migalhas, discos de vinil, roupas que não servem mais; é um caminho inalterado e sem modificações. Intenso, pois não sou mais o mesmo, o meu olhar agora é estrangeiro; volátil, pois sou inconstante e posso me modificar a cada nova caminhada, “é um exercício de deslocamento do olhar tanto na paisagem de ‘fora’ como na paisagem de ‘dentro’ do próprio indivíduo” (LOPES, 2002, p. 180). Colho, *recolho*, largo novamente, cada pedaço de mim, cada palavra a que dou corpo e deixo pelo caminho, como pista, pegada, porta entreaberta pela qual penso (ou não) retornar.

Tratamos do mesmo tema sob duas perspectivas construídas a partir de narrativas que ressoam, repercutem, mas não se sintetizam, pois são duas em conversação. Dois docentes em formação - um brasileiro que reconsidera suas práticas professorais a partir de sua pesquisa de Mestrado e uma colombiana estudante de Licenciatura em Educação Básica com ênfase em Humanidades e Língua Castelhana, que aceita participar da troca de cartas entre estudantes - acreditam que o processo de formação pode ocorrer através da escrita ligada à leitura. A escrita encarna uma aprendizagem, pois quando escrevo, leio; quando leio busco compreender do que são feitas as palavras que me cercam, “no caso da narrativa epistolar de si próprio, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro” (FOUCAULT, 1992, p. 160).

Neste sentido, quando tais alunos e docentes se envolveram na troca de impressões, imagens e comentários, seus mundos passaram a ser vistos através de lentes, cartas que desvelaram paisagens e caminhos, sentidos que possibilitaram ensaios que foram experienciados à “sua maneira de ser e de interpretar o mundo” (LARROSA, 2015, p. 53).

3.3 - A distância de um contexto unido pela escritura.

Essa experiência se deu no marco da prática profissional pertencente ao último ciclo de práticas pedagógicas, propostas pela licenciatura em educação básica com ênfase em língua castelhana, de uma universidade da cidade de Medellín, Colômbia. Essas práticas se desenvolveram a partir de diferentes eixos temáticos, entre os quais se encontra o que relaciona arte e literatura.

Minha prática pedagógica ocorreu durante o ano de 2015, em uma escola privada da cidade de Medellín. Essa escola possui princípios e filosofias relacionadas aos fundamentos católicos, que estão presentes no ambiente escolar e dentro da comunidade acadêmica - professores, equipes diretivas, estudantes e, inclusive, as aulas e a estrutura curricular. O colégio atende uma população de meninas e meninos, mas o ensino não é misto, ou seja, os meninos estudam das 06h às 12h30min, enquanto as meninas estudam das 12h45min às 18h15min. A turma em que realizei a prática foi a 6^a13 feminino.

A 6^a13 e suas trinta estudantes me abriram a porta para que eu me transformasse em sua professora nesse processo de ensino-aprendizagem mútuo que começou a tecer-se a partir de nosso primeiro encontro dentro da aula de língua castelhana. A disciplina possui um papel muito importante dentro da sala de aula, as estudantes aprenderam a permanecer em silêncio e a levantar-se para receber os professores quando esses adentravam a aula, assim como a prestar atenção quando alguém - seja colega, professor ou outra pessoa qualquer - estiver à frente. Existe uma norma implícita que estabelece que as alunas devam estar corretamente sentadas, olhando para frente e sem haver muito contato físico entre elas.

Na área da língua castelhana as estudantes são propositivas, adoram os novos desafios junto à leitura¹² e outros métodos de significação: a fotografia e a divulgação de suas criações se converteram em assuntos que as movem dentro dos processos de leitura e escritura.

3.4 - A travessia: viajando através de outros olhares.

¹² Entre as alunas há um sistema de empréstimo de livros na sala de aula, que motivado pela professora titular de língua castelhana, propagou-se em toda a escola.

Dentro da experiência da prática pedagógica, ocorreu a possibilidade de desenvolver uma correspondência epistolar na qual as meninas da 6ª¹³ estabeleciam uma conversa com os estudantes do quinto ano de uma escola em uma cidade do sul do Brasil. Nessas cartas os estudantes falam sobre suas experiências, sobre a sua vida íntima, seu entorno: a família, a escola, seus interesses e as coisas que vivem, que os afetam e os movem.

O que é necessário é para tornar a escola um ambiente onde ler e escrever são práticas vivas e vitais, onde a leitura e a escrita são ferramentas poderosas que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, que interpretar e produzir textos são direitos legítimos para exercer a responsabilidade que é necessário assumir. (LERNER, 2001, p. 26).¹³

Dentro das aulas de língua castelhana, a chegada das cartas da cidade do sul do Brasil foi um acontecimento. Nós as aguardávamos cheias de ânsias para saber quem eram os amigos que ali estavam, a milhares de quilômetros, e que se interessavam por saber quem eram as estudantes, quais as suas vivências e suas experiências. “Identificando-se com outros autores e personagens ou diferenciá-los, executando outras aventuras, aprender sobre outras histórias, descobrir outras maneiras de usar a linguagem para criar novos significados”¹⁴ (LERNER, 2001, p. 26).

As cartas chegaram a nós escritas em português – e esse era um dos maiores medos das estudantes. Surgiam perguntas: Como as leremos? Compreenderemos o que nos querem dizer? A cultura deles será muito diferente da nossa? Assim se criaram incertezas, que começaram a inundar a aula em momentos prévios à chegada das cartas. No entanto, o simples gesto de entregar as cartas de forma física em um pacote vindo de tão longe e o fato de que as estudantes não podiam dar conta do conteúdo das mensagens, dado o idioma e, em alguns casos, a letra de quem as escreveu, possibilitou nas meninas uma afeição imediata ao ter em suas mãos um papel escrito por um menino ou menina distante em muitos quilômetros. Foi evidente que lhes comoveu profundamente conhecê-los por cartas, nas quais havia muitas marcas deles. “Você tem que ser afetado, perturbe, chateado por um texto que não se pode explicar, mas já

¹³ Lo necesario es hacer de la escuela un ámbito donde lectura y escritura sean prácticas vivas y vitales, donde leer y escribir sean instrumentos poderosos que permitan repensar el mundo y reorganizar el propio pensamiento, donde interpretar y producir textos sean derechos que es legítimo ejercer y responsabilidades que es necesario asumir .

¹⁴ “Identificarse con otros autores y personajes o diferenciarse de ellos, correr otras aventuras, enterarse de otras historias, descubrir otras formas de utilizar el lenguaje para crear nuevos sentidos”

mudou. Você tem que ser capaz de habitar longamente sobre ele, antes que ele pudesse falar dele; como fazemos com tudo”¹⁵ (ZULETA, 1982, p. 12).

A entrega das cartas se transformou em um grande acontecimento dentro da aula e, para isso, acabei por criar toda uma ambientação com o tema cultura brasileira. A sala de aula foi adornada com música e bandeiras do país e degustamos alguns doces que nos foram enviados junto com as cartas. Ao mesmo tempo, era preciso auxiliar as crianças na compreensão das correspondências, posto que cada uma delas possuía uma lista de palavras, frases e orações comuns traduzidas do espanhol para o português.

Os leitores se multiplicaram, se diversificaram os textos escritos, vieram novas formas de leitura e novas formas de escrita. Os verbos "ler" e "escrever" tinham deixado de ser uma definição imutável: atividades homogêneas não designadas. A leitura e a escrita são construções sociais. Cada idade e cada circunstância histórica dão novos significados para esses verbos. (FERREIRO, 2001, p. 13).¹⁶

Durante várias aulas, o trabalho foi dedicado a ler as cartas, a mergulhar na cultura brasileira e, seguramente, a respondê-las para que os alunos da referida escola soubessem o que fizemos e o quão agradecido ficamos por terem nos proporcionado conhecer as suas experiências.

Nas cartas que as meninas enviaram, elas falaram da cidade, da escola, de suas famílias, seus gostos, seus sentimentos e incluíram também fotografias, doces e mensagens para os alunos brasileiros que, apesar de não se conhecerem pessoalmente, se tornaram um elemento constante na nossa sala de aula. As alunas os conheciam pelos nomes, perguntavam por eles e contavam tudo o que eles escreviam nas cartas.

Essa experiência transcendeu para muito além da sala de aula, criando vínculos das meninas com outro contexto, com outros mundos que elas conheceram pela descrição que outra pessoa (seu remetente) apresentava, através de seus olhos, de seu dia a dia e da experiência vivida. Contudo, essa travessia não aconteceu apenas para as estudantes, mas também para a professora em formação.

Assim, a viagem se converte em um conceito importante dentro da experiência vivida e, desta maneira, há uma travessia que sobrepassa a viagem das cartas. Nesse

¹⁵ “Hay que dejarse afectar, perturbar, trastornar por un texto del que uno todavía no puede dar cuenta, pero que ya lo conmueve. Hay que ser capaz de habitar largamente en él, antes de poder hablar de él; como hacemos con todo”

¹⁶ Los lectores se multiplicaron, los textos escritos se diversificaron, aparecieron nuevos modos de leer y nuevos modos de escribir. Los verbos “leer” y “escribir” habían dejado de tener una definición inmutable: no designaban actividades homogéneas. Leer y escribir son construcciones sociales. Cada época y cada circunstancia histórica dan nuevos sentidos a esos verbos

sentido, a formação está ligada, sem dúvida, à leitura como experiência, à leitura como viagem e trata de como aproximar-se à experiência de forma despojada. Eu poderia dizer que essa tende a ser o resultado da relação com uma palavra de certo tipo, assim, uma palavra possui a capacidade de transformar a sensibilidade com que o leitor percebe a vida, o entorno e o contexto. Aqui a infância participa com um papel muito importante, bem como em toda a obra de Peter Handke¹⁷, posto que o autor remete, recorrentemente, ao espírito da criança, no sentido da capacidade do jogo e da invenção.

A partir desta viagem, consegui me construir e reconstruir no que foi meu processo de formação e de travessia como professora. Neste sentido, retomei dois autores que foram peças-chaves dentro dessa provocação a novas rotas, a novos caminhos para continuar a construção da minha investigação. O primeiro deles é Peter Handke (1992), que desenvolve em seus escritos dois conceitos-chaves: a formação e a viagem. O primeiro conceito, a formação, está ligado à leitura como experiência, como aproximação de forma desprovida à experiência, ou seja, esta tende a ser o resultado da relação com uma palavra de certo tipo; assim, uma palavra possui a capacidade de transformar a sensibilidade com que o leitor percebe a vida.

O segundo conceito é o que está relacionado com a viagem como processo de formação, no qual Handke oferta uma compreensão romântica dos assuntos que se relacionam com a experiência estética e como essa experiência se desenvolve em cada pessoa. Na ‘novela de formación’ que é uma das principais características articuladoras na literatura desse escritor é narrada uma viagem que não só é algo externo, mas que possui uma conexão entre a viagem exterior e a viagem interior que, ao mesmo tempo, dá sustentação a uma formação de consciência e sensibilidade (LARROSA, 2015), conseguindo, assim, que a experiência formativa se construa desde o sensível e seja orientada desde aspectos estéticos.

Nessa viagem os personagens não se apresentam em uma espécie de evolução ou iluminação conceitual que se fortalece no caminho da travessia, apresentam-se como caracteres sensíveis que buscam uma nova forma de ler o mundo, muito mais poética e inocente, que se remete à constante evocação de Handke pelo assunto da infância e a potencialidade desse estado – chegando a uma espécie de umbral desprovido de marcas culturais e imposições que permitirão uma leitura do mundo através dessa travessia. ‘O herói das mil faces’ é um texto de Joseph Campbell (1972), no qual ele desenvolve sua

¹⁷ Poeta, dramaturgo, novelista e diretor de cinema austríaco, nascido em Griffen.

interpretação sobre a maneira como o herói realiza sua viagem a partir de uma espécie de ‘padrão’ narrativo em um ciclo dividido por fases, em que o personagem principal sofre uma transformação à medida que avança em sua travessia, partindo do mundo ordinário para chegar a um mundo especial ou sobrenatural – que dará lugar aos eventos que transformarão a vida do herói.

Foi assim que os caminhos foram convergindo e culminando em acontecimentos, levando-me a realizar a pesquisa com a viagem como conceito central, compreendido desde a experiência vivida com a troca das cartas com estudantes do Brasil, mas também desde uma reflexão pessoal da prática pedagógica como uma travessia e uma construção do teórico, como enunciei antes.

As cartas não só foram uma excelente motivação para as meninas buscarem outros modos de comunicação alternativa ao *chat* ou ao *e-mail* e para que compreendessem as vidas de outras pessoas a partir da própria narração do autor, mas também abriu a possibilidade de ver a aula de língua castelhana além do plano leitor, do livro didático e da planilha de notas, onde os pontos extras são ganhos ao passo que as atividades são realizadas em aula. Compreenderam que escrever não é somente um requisito escolar, mas também é uma forma de mostrar ao outro seus sentimentos, suas experiências e o que as constituem dentro de seus cotidianos através das letras, do papel, da cor que utilizam para deixar sua mensagem, das fotografias que enviaram, de toda a questão que está relacionada com a semiótica que essas cartas possuem nas estudantes e, sobretudo, compreenderam que essas correspondências são partes dessas mesmas meninas e de suas narrações autobiográficas, desde seus contextos e possibilidades.

Certamente, essa experiência abre uma porta para pensar as aulas de língua castelhana para além da imposição curricular - sem deixá-la totalmente de lado -, abrindo a possibilidade de estabelecer conexões rizomáticas com outros contextos, abrindo janelas a outros processos de pensamento, a outras formas de relacionar-se com a leitura, a escritura, a semiótica e os outros meios de significação dentro da aula, buscando outras dinâmicas em prol de um desenvolvimento sociocultural da leitura, da escritura e da literatura, habilidades consideradas básicas dentro dos “Estándares Básicos de competências”¹⁸ e “Lineamientos Curriculares”¹⁹ da língua castelhana na Colômbia. No entanto, poderiam ser considerados outros olhares, outros caminhos e outras travessias para enfrentar com os estudantes a viagem que supõe um processo de

¹⁸ Correspondente aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no Brasil.

¹⁹ Idem ao 2.

formação, que transcenda o livro didático para chegar ao humano, àquele que está mediado pela própria experiência e que, certamente, chega a uma aprendizagem significativa ultrapassando a escola e voltando-se parte da sua vida.

Essa experiência nos levou a uma viagem por vivências e contextos diferentes do nosso. Tanto as estudantes da turma 6^a13, como eu, sua professora em formação, Kamila Alarcon, conseguimos estabelecer um vínculo com os estudantes que compartilharam a viagem a partir de si, do que queriam compartilhar conosco, de suas famílias, sua escola e seus gostos. Dessa forma conhecemos um lugar através de outros olhos.

Essa viagem me permitiu compreender e pensar não só sobre a importância dos projetos que ultrapassam fronteiras e que estimulam os estudantes a ir além da nota ou da qualificação, mas também sobre as diferentes dificuldades que, como professora em formação, representam observar o currículo acadêmico desde outros olhares e perspectivas que, talvez, estejam distantes do que é a escola atual.

Em síntese, exploramos esse texto a quatro mãos, conectados pela ‘viagem’ a partir da escrita, do fluir e de maneira cartográfica, estabelecendo conexões na construção do fazer docente, à medida que vivenciamos juntamente as experiências. Pesquisar, indagar, investigar e avançar a partir de pretextos como as cartas, os encontros, as diferenças de culturas e de linguagens, a partir das conexões epistolares entre dois grupos de estudantes, nos permite continuar avançando em nossa formação como professores.

4 - Zona urbana, ou zona rural quem escreve para quem?

Ocupo-me neste capítulo a pensar a troca de cartas pessoais entre alguns estudantes de dois grupos envolvidos: meus alunos do quinto ano do Ensino Fundamental em Pelotas – RS e a turma de quinto ano da Prof^a. Grazi, no interior do município de Piratini – RS, no ato de escrever-ler cartas. “Escreve-se lendo, sobre uma mesa cheia de livros. E entre ler e escrever, às vezes, acontece algo, acontece algo conosco. Talvez isso que chamamos de ‘pensar’ seja a experiência desse ‘entre’” (LARROSA, 2014, p. 139). A partir da escrita-leitura, no encontro que ocorre entre os dois grupos, um da zona urbana de Pelotas que escreve para outro de uma escola rural no interior do município de Piratini, que escuto esse ‘entre’. Necessito uma certa distância dos objetos que me proponho estudar, sem trazer respostas conclusivas ao observado, mas sim sobre como pratiquei essa distância e esse pertencimento ao objeto, ao mesmo tempo.

Em um segundo momento me ocupo do professor quando este se vê de outro lugar, quando imerge na escrita e composição da atividade de pesquisa.

A primeira versão deste capítulo foi escrita em movimentos de tempo distintos, ao longo de uns quarenta e cinco dias, em hiatos ocupando-me de ler, pensar, escrever, reler, reescrever e repensar o dito. Não almejo cumprir metas ou redatar relatórios de projetos, mas sim cartografar momentos escritos neste processo de pesquisa. Ponho-me a flunar por estas linhas de escrita, por entre as imagens, ao tocar o papel – envelopes, cartas, diários e materiais de minha observação -, ao sentir seu cheiro, ao analisar o ambiente em que estou ao refletir sobre os sons que minha audição capta ao me ‘desligar’ de tudo, ao sobrevoar o ambiente, como o corvo em correntes de ar quente na relação de imanência entre caça, caçador, tempo e espaço.

Esta é uma escrita que se faz ao deixar o pensamento fluir como fluem os aromas dos incensos, como correm as águas de um rio que desce montanhas e serpenteia as margens, escava o terreno por onde passa e cria novos contornos. A água que desce é sempre nova. Nunca se repete. O pensamento não se move em linha reta, faz conexões, potencializando ou não seu curso. Por momentos acredito cartografar um pensamento, uma dinâmica, outras vezes, sinto que fracasso, “a cartografia é isso, um modo de registro do pensamento que faz com que coincida o tema, ou o objeto do pensamento com o próprio modo de pensar, ou seja, não há distância entre o modo de pensar e o objeto deste pensamento” (FUGANTI, 2014). A cartografia se faz por

rizoma, por agenciamentos, e desejar e agenciar. Desta forma é intrínseco o pensar e o objeto de pesquisa, pois a cartografia se faz por algo que nos toca/atravessa. A cartografia “não é um caminho para saber sobre as coisas do mundo, mas um modo de pensamento que se desdobra acerca delas e que as toma como testemunhos de uma questão: a potência do pensamento” (OLIVEIRA et al, 2012, p. 163).

Os dados produzidos do objeto desta pesquisa aqui são as cartas escritas por estudantes de um quinto ano do Ensino Fundamental, da Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello, no município de Pelotas no Rio Grande do Sul, a outros grupos de alunos de outras cidades, entre elas, Medellín – Colômbia, Curitiba no Paraná e Capão do Leão no Rio Grande do Sul. Essa correspondência ocorre desde o ano de 2014, como disse, mas é com o material produzido no ano de 2015 que irei trabalhar, com as cartas trocadas entre os alunos da Escola Técnica Estadual Prof^a. Sylvia Mello e os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental no interior do município de Piratini, onde trabalhei durante cinco anos (2005 a 2010) como auxiliar de manutenção e infraestrutura, além de excertos e diários ali produzidos.

O motivo pelo qual escolhi fazer esse recorte das correspondências no ano de 2015 junto à turma de alunos da escola rural é o fato de ter tido experiências relevantes nessa instituição de ensino no período em que lá trabalhei, bem como a forma do encontro que ocorreu com a Prof^a. Grazi²⁰, (titular da turma da escola rural em questão) em um evento na cidade de Pelotas, no ano de 2014.

Esse encontro nos lançou a propor escritas epistolares entre nossos estudantes. O encontro, que aqui interessa pensar é aquele que possibilita agenciamentos. “É só num encontro que um corpo se define” (SILVA, 2002) em que o pensamento sai do lugar comum. É no encontro do rio com a roda d’água, com suas aletas de madeira que fazem a mó girar e o moinho produzir, transformando o grão em farinha. É no encontro do desejo com a escrita e da escrita com a expressão que a palavra se faz. Desejar é agenciar, é tecer rizomas, produzir encontros como o que acontece ao tosquiá a ovelha o mais rente à pele para aproveitar a fibra em seu maior comprimento e retirar o velo com cuidado, lavar, esgadelhar, cardar e fiar o fio, torcê-lo, ensarilhar, dobar e com ele tecer, tricotar, cerzir, atar, amarrar, ligar pontos, pontas e peças, agenciar, criar. Do tosquiá a ovelha produzimos o fio de lã, do fio produzimos peças a partir de uma necessidade produtiva - seja ela qual for, mas é preciso vários elementos, a ovelha, o

²⁰ Mantenho o ‘apelido’ da professora titular da turma com sua autorização.

tosquiador, a tesoura de tosquiar, a artesã, a roca, o fiar, o fio e todo o processo que isso envolve. Nunca desejamos algo só, mas em conjunto (DELEUZE, 1995), a abelha e a orquídea, o rio e o moinho, o corvo e a presa, criamos territórios a partir do agenciamento de desejos que se constroem, *desconstroem* e se *reconstroem* em planos de imanência.

Tive a impressão de não ter material suficiente para trabalhar nesta pesquisa, ou seja, cartas para ler, cartas nas quais me propus imergir, sondar, mergulhar; tive receio que elas não fossem suficientes, que meu olhar não fosse suficiente para elas. Leio escritos repletos de incógnitas, onde flano entre verbos desconhecidos. Por entre esses verbos trilho caminhos novos de leitura, experimentando-os com os meus, vivendo encontros e conhecendo paragens na língua de outros. E a cada nova leitura, ou *releitura*, esse olhar parece menos cego, menos enviesado.

Por algum motivo, o temor da insuficiência delongou muito o encontro com as cartas produzidas em 2015. Adiou o processo de análise e conseqüentemente a escrita de meu trabalho sobre aspectos relevantes nessas escrituras: as marcas impressas. Ao buscar entender tais marcas, rótulos e imagens desse objeto dou sentido ao papel, à palavra, ao envelope e ao selo. Ao remetente, ao destinatário. Falar sobre si, questionar o outro. Estar absorto em seus pensamentos a propósito do outro. A viagem, os lugares, o encontro na linguagem. Ocupar-me de tudo isso é flunar-cartografar esse objeto. Esta pesquisa ocupa-se em cartografar a escrita de um grupo de estudantes distintos através do uso da linguagem, que gera e produz sentido, que gera e produz subjetividade.

Ao deparar-me com os pacotes de envelopes, com os sacos de folhas com xerox onde armazenei alguns itens, ao abrir pastas salvas no computador e ver ali, digitalizadas, as cartas enviadas pelos estudantes e ao ler alguns diários de bordo das crianças percebi que há muito material para pensar e escrever sobre. Penso que, mesmo se tivesse em mãos um par de cartas haveria ali um infinito de possibilidades para ler, pensar e imaginar. Só escrever sobre como ocorre/ocorreu o processo das correspondências já é um vasto platô que possibilita caminhar por horas, durante dias, dando um novo sentido a algo já visto. Isso é cartografar, é dar sentido a signos, é buscar na fração mínima da pele a sensibilidade necessária para sentir no ferrão da abelha seus deslocamentos, labor e favos.

4.1 - Observando paisagens para andar sobre elas.

No dia em que decidi me revolver com esse conjunto de cartas, tomei a seguinte medida: escolhi primeiramente o lugar onde colocaria esse material, onde queria que ficassem, pois sabia que seria um processo demorado, que me tomaria tempo observá-las, escrever sobre o que via e o que não. Precisaria ser um local no qual elas ficassem estacionadas, à vista, pois precisaria de tempo para dar voz as suas provocações, precisaria de tempo para observar esses escritos, tocar-lhes, mudar suas posições, abrir e fechar pacotes, envelopes, pastas. Iria sentar-me por inúmeras vezes frente a eles e escrever sobre o processo todo, uma, duas, três, doze vezes... e foi isso que ocorreu.

Em meio à escrita deste texto, compus ao menos três poesias. “A experiência da leitura é, no poema, uma conversão do olhar que tem a capacidade de ensinar a ver as coisas de outra maneira” (LARROSA, 2015, p. 106). Palavras que como poeiras soltas ao vento se dissiparam ao mundo, grão de areia que se desprende das dunas e quer ser livre. As palavras para expressar esse processo de leitura do material, os verbos que queriam ganhar voz e estavam presos, pois não tinham corpo, travestiam-se em palavras de outra língua, de outra ordem, era como correr atrás do vento e saber que não o alcançaria. Eram palavras solitárias, verbos assustados pela necessidade de estar à altura do material de pesquisa.

Percebi que o melhor lugar onde esses materiais poderiam ficar era sobre dois criados mudos que estão unidos contra uma parede abaixo da janela do quarto que escolhemos para ser o de estudos. É um quarto com uma área de cinco metros quadrados, que possui duas janelas bem amplas, o que lhe garante uma boa iluminação. Há duas prateleiras na parede onde estão os livros, revistas em quadrinhos, revistas de outras ordens, folhas em branco. Estão lá também o computador, dois pequenos armários e uma prateleira. Existe ainda, ao lado dos criados mudos, um cubo de guitarra meteoro 210- GS Nitrous, que utilizava nos ensaios quando era músico. Além desses objetos existem ainda duas cadeiras, sendo uma de balanço.

Eu buscava organizar o material para estudo/análise. Só isso já é muito, só isso já remete a outras paragens, a outros encontros comigo mesmo, só isso já rendeu o que pensar. Mas, faltava ainda abrir os envelopes, ler atentamente as cartas, uma a uma, ler os diários, pôr em pares as cartas dos correspondentes. Como professor, pensar o quanto poderia fazer diferente na próxima vez, o que funcionou e o que não, e o que pode ser repensado, o que tais escritas e tais atividades provocaram, que encontros promoveram. Por quais lugares tais escritas nos levaram, ou levamos outros.

Ao matutar sobre o que estava posto fisicamente a minha frente, pude refletir sobre como foram produzidas, como poderiam ser abordadas, como posso fazer, como... como... como...

Ao estar ali somente observando os pacotes pude recordar os atravessamentos que ocorrem comigo desde que iniciei minhas leituras sobre o referencial teórico deleuzeano, entre outros autores que partilham de seus pensamentos. Sua voz reverbera em mim e produz agenciamentos, produz horizontes, percebo conexões produzidas entre as atividades, as leituras, as pessoas, a cartografia dos encontros desses e o quanto de conceitos ainda estão distantes e precisam ser alcançados em meu pensamento.

Pude em meio a esse processo rememorar alguns fatos que ocorreram enquanto produzia os movimentos de ir e vir, entrar e sair dessa escrita, desse quarto, dessas atividades de ler, abrir, envelopes, abrir pastas, scanear cartas. Emergiram lembranças das pessoas que interagiram conosco em sala de aula e também fora dela, quando saíamos para falar sobre o projeto, em entrevistas a rádios, em eventos acadêmicos, enfim. Ali, curvado à frente daquele material, observando-o, pude escrever, ir e vir nessas páginas e pôr-me a pensar sobre. Pude habitar um pensamento sobre..., adicionar ou subtrair, refletir sobre direções aceitáveis, novos rumos. Sentir o que talvez não possa sentir a partir de mim apenas, ou seja, o sentido por outros. Cartografando, pesquisando, agrimensando acontecimentos na mediada em que eles ocorrem, se fazem, perfazem, desfazem. É o que trago aqui, é do que se ocupam estas palavras, nestas linhas, nestas páginas. Este texto se constrói se entre-fazendo, se entre-cozendo pelas bordas, pelas laterais das páginas, cartografando os platôs desta escrita, deste jardim movediço, onde planto uma palavra nova a cada novo momento em que me entrego a ela.

Foi isso que fiz: disponibilizei todos os materiais referentes à parte da pesquisa sobre suas superfícies; todas as cartas recebidas em seus referidos pacotes, xerox das cartas que enviamos, diários de bordo dos alunos - escritas que se realizavam ao fim do dia de aula dos alunos -, entre outras produções. Isso ocorreu exatamente às 08h27min do dia 07/05/16. Naquele momento me vi abrindo as portas dos armários para retirar de algumas caixas alguns pacotes com cartas, pequenos cadernos, alguns com espirais, outros não. Naquele momento me vi colocando em ordem, selecionando/buscando as cartas de 2015, separando as que são da Colômbia, as que são de Curitiba, as do Capão do Leão e dispondo todo este material sobre os tais criados mudos.

Em meio a esse emaranhado de papéis, exatamente às 10h48min, encontrei um grupo de escritos que relata como foi para minha turma de alunos do quinto ano escreverem as cartas, e suas experiências de contato com outras crianças de outros lugares. Tais escritos possuem referência ao mês de novembro de 2015. Foi uma das várias escritas que sempre pedia que fizessem. Nessa, em particular, eles relatavam como se viram em meio ao encontro com a escrita de cartas, como foi escrever sobre si, sobre o que pensavam e também sobre assuntos diversos de nosso cotidiano que surgiam para relacionar com as aulas, sobre como era, como foi, como poderia ser.

4.2 - Alguns caminhos percorridos entre palavras, linhas e diários.

Os recortes que seguem são trechos retirados de textos maiores escritos em seus diários de bordo. Nesses recortes temos a escrita de três de minhas alunas de idades entre dez e doze anos, as que chamarei de alunas **A**, **B** e **C**. Elas registram suas experiências sobre como foi escrever cartas para seus colegas também estudantes, que tinham aproximadamente as mesmas idades, que guardavam consigo alguns anseios semelhantes, além de dúvidas, vontades e curiosidades, mas que se localizavam em posições geográficas distintas.

Nos recortes dos textos extraídos dos diários, as alunas resumem suas experiências ao longo do ano letivo de 2015, apontando como foi participar do projeto de escrita de cartas enviadas a alunos que cursavam o quinto ano do Ensino Fundamental da escola rural do município de Piratini – RS. Podemos perceber isso em um dos textos escritos da aluna **A**, que comenta ter escrito cartas que aportaram em terras colombianas. Tais cartas chegaram a escolas da cidade de Medellín, Institución Educativa Miraflores, Institución Educativa Juan María Cespedes; Institución Educativa Héctor Abad Gómez e Universidad de San Buenaventura, onde os estudantes possuíam faixa etária semelhante a sua e frequentavam do terceiro ao sexto ano e, assim como os alunos brasileiros, pareciam ter as mesmas dúvidas, anseios e querelas.

As cartas provocavam em cada uma das alunas reações distintas. Nas atuais circunstâncias, reler os textos escritos por tais alunas envolve absorver o significado/sentido da(s) palavra(s), os movimentos de construção das atividades escritas, de posteriores leituras, das discussões, dos fatos de suas vidas, seus apontamentos e seus conhecimentos, permitindo que cada um dos envolvidos se constitua a si mesmo, dando voz a suas palavras. Provocando um encontro com o já

vivido e com o já sentido, fazemos uma releitura do que já está internalizado e damos novos sabores, buscamos novos aromas, provocamos novas sensações, ou quem sabe, extraímos o que aqui já foi produzido: novos pensamentos sobre o que se pensava saber. É um ‘entre’, uma porta que se abre, um estar à espreita transportando-o para outras formas de ler, *reler* o que está posto. São as brisas conduzindo as areias do tempo, sob formas sutis de se perceber, são palavras que escapam e criam corpo na escrita epistolar, é a palavra que toca, produz, diz, faz-se sentir. “As palavras produzem sentido, criam realidades” (LARROSA, 2002, p. 20-21).

[...] Eu achei incrível pois eu me comuniquéi com várias pessoas de outros lugares como a Colômbia, gente do país! Acho que por ter sido um processo demorado deixei curiosidade de quando iria voltar. pois eu achei legal saber vários amigos, e ao mesmo tempo saber sobre eles.

(Aluna A)²¹

[...] Eu acho que as cartas são interessante porque nós falamos com gente de outras cidade nós aprendemos mais português. conversamos com gente de outras cidade nós conhecemos mais pessoas aprendemos mais a ler, consegui mas ver como é as cidade porque conversando nós conhecemos.

(Aluna B)²²

[...] Eu acho interessante que hoje em dia agente só fica no celular, mas não escrevendo cartas agente tem volta no tempo. É um drama atenção é que hoje em dia escrevendo cartas não tem muito assunto, mas antigamente tinha mais assunto, mas no celular parece que o assunto vem das redes sociais, mas antigamente via da mesa calça.

(Aluna C)²³

²¹ Recorte do diário de bordo da aluna A, de novembro de 2015. Arquivo do pesquisador.

²² Recorte do diário de bordo da aluna B, de novembro de 2015. Arquivo do pesquisador.

²³ Recorte do diário de bordo da aluna C, de novembro de 2015. Arquivo do pesquisador.

Caminhando por entre os platôs, deslizando por entre palavras, sinais e verbos de recortes que trago, deparo-me com a curiosidade, a ansiedade em saber se iriam ser respondidas suas questões - o querer ver/saber como é, quem são e como são seus novos amigos. À distância, a demora no retorno das cartas surge como um véu que vai descendo ao chão bailando ao sabor do vento suave; conforme vão tecendo vínculos e alicerçando-se as escritas, ao passo que novas cartas são enviadas e recebidas. É o aprender com o outro, na troca, no flunar por entre outros caminhos observando as novas paisagens nos escritos de outrem ao correr da pena, é o liberar a imaginação, deixar correr o pensamento e formar palavras, fazer leitura e dar movimento ao que se sente. A primeira frase do recorte da carta da aluna A: – “[...] eu achei incrível pois eu me comuniquei com várias pessoas de outros lugares como a Colômbia fora do país. Acho que por ter sido um processo demorado deixou curiosidades de quando iria voltar.” Parece-me uma exclamação sobre uma experiência vivida com pessoas de ‘fora do país’, o que dificilmente aconteceria de outra maneira. Há uma referência ao tempo do ir e vir da correspondência, bem como do entusiasmo com os novos amigos. Ela conta aos interlocutores de Piratini a experiência de encontro com os colombianos. Seu entusiasmo me motiva.

Pergunto-me se o que eles revelam poderia ser um aprender que fazemos na prática de relações inusitadas, que se dão sem ser institucionalizadas, que percorrem um caminho a partir do movimento do ir e vir de apresentações, dúvidas, convicções, gostos e interesses.

Certo dia, cedo da tarde, observando o sol que punha a esconder-se entre nuvens carregadas, cheias de um frio cortante que trazia consigo gotas de chuva pesadas, em meio aos corredores apertados de classes, cadeiras e mochilas, de outros que circulam de um lado a outro, naquela paisagem de livros, canetas, quadro de giz com um conteúdo que já foi explicado, de longe percebo uma figura esguia com cabelos negros esvoaçantes se aproximar, com passos firmes, decidida em seu caminho reto, sem esbarrar em ninguém, pois os outros lhe abriam caminho. Com papel, caneta e perguntas projeta-se sobre a mesa e pergunta: – “Será que eles vão entender o que estou escrevendo? Quem vai trazer estas cartas de volta?”

Tal cena ficou retida na minha memória, viva. Ao reler tais recortes, ela reaparece com o caminhar forte e decidido, com a figura esguia trazendo luz àquele dia escuro e frio. Tinha consigo papel e perguntas, curiosidades e inquietudes. Não se tratava somente de saber se iriam entender o que estava escrito, mas saber se iriam

querer saber sobre. Não se tratava só de saber quem iria trazer as cartas de volta, mas quem era, como era e como viriam.

No recorte de texto da aluna **B** diz o seguinte: – “[...] aprendemos mais o ler [...] conseguimos ver como é as cidades porque conversando nos soubemos [...]” É o andar de mãos dadas, entre palavras, com amigos de outros lugares do mundo. Nele andamos sós ou acompanhados, andamos rápido ou devagar, dependendo das demandas as quais nos estriam o caminho, caminho que possibilita outros tantos, dependendo do rumo que quisermos tomar, ou do rumo que nossas ações nos levam a tomar. O caminhar-flanar aqui tem outros meios de existir, de se fazer, surge no ler-escrever-reler, proporciona encontros, perguntas, histórias, linhas que compõem um mosaico, um platô e o que importa não é o fim, mas sim a partida, o caminho que se percorre “[...] aprendemos o Português [...]” (aluna **B**), a ler, e com ele “[...] conversamos com gente de outra cidade[...]” (*idem*) de cidades além de nossa geografia. E “[...] soubemos[...]” (*idem*) conversando com essas gentes, a partir da troca, de histórias, de seus lugares, com o que despertam em nós. O falar sobre seus lugares carrega consigo a importância, que traz o sensível sobre a própria experiência, sobre o que a torna própria.

A aluna **C**, pondera que: – “[...] hoje em dia a gente só fica no celular [...]”. A reflexão da menina sobre tempo nos faz retornar aos séculos XIX e XX, um período voltado à subjetividade, intimidade, interioridade e introspecção. Um sujeito interiorizado que lia e escrevia como atividades fundamentais (SIBILIA, 2012). Percebemos que os movimentos, tanto de escrita quanto de leitura, eram realizados com concentração, persistência, regularidade e com certa devoção cotidiana comparável com a nossa dedicação às ferramentas digitais atuais. “A leitura é um jogo que se joga em solidão e em silêncio” (LARROSA, 2015, p. 111), modifica o que antes era silêncio e agora é palavra. Agora a palavra toma vida, cria corpo. O que antes não existia estava em silêncio.

Procuro aqui percorrer as ruínas de minha memória para organizar o caos instaurado em minhas lembranças e buscar a solidão de minha consciência para compor/agenciar. Escrever é uma provocação, uma afronta que gera encontros, “minha escrita brota da solidão, do fundo desta solidão encontro pessoas, ideias e pensamentos. Minha solidão está povoada de vozes, de textos, de palavras, de encontros, histórias, acontecimentos e imagens” (PÉREZ, 2003, p. 01). Busco essa solidão para encontrar-me com outros que me habitam, transitam, agenciam-se em mim e por entre mim; no sangue de minhas veias, no suor de minha pele, nas rugas de minhas faces, nas formas

sensíveis de sentir como sinto a brisa que me toca. Busco a solidão, pois ela “só é boa quando voluntária”²⁴, é nela que tais encontros agenciam (os) outros que se mostram na palavra-verbo-texto-escrita. “Escrever é talvez trazer à luz esse agenciamento do inconsciente, selecionar as vozes sussurrantes, convocar as tribos e os idiomas secretos, de onde extraio algo que denomino Eu” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16).

Silêncio e solidão eram necessários para a escrita epistolar, antes um importante meio de comunicação e interlocução, que perde sua força em pouco mais de três décadas, em virtude da grande expansão/evolução das tecnologias de informação/comunicação. Essas tecnologias constituem-se, assim, na invenção e incremento de inúmeros modos de emissão e exibição de informações, mudanças que ganham força nas vantagens práticas do envio de textos através dos correios eletrônicos, possibilitando com que estes sejam sinônimo de benefícios quando utilizados, tanto por pessoas físicas quanto por empresas público-privadas. Abrem-se possibilidades que na ‘teia’ conecta/liga rizomaticamente a sociedade *atualizada*, a partir de/com os dispositivos eletrônicos com os quais convivemos e que utilizamos para realizar as tarefas mais diversas, com crescente familiaridade e proveito, desempenhando um rol vital nessa metamorfose.

Com mais vigor os jovens abraçam essas novidades e se envolvem nelas de forma visceral, embora não se trate de uma exclusividade dessas gerações. Nativos digitais. – “[...] *escrevendo cartas a gente tipo volta no tempo [...]*”. Que tempo? Fala **C** de um tempo que não viveu, de um tempo que contaram para ela? “[...] *no celular parece que o assunto vem das redes sociais [...]*”, de experiências que não são propriamente nossas, de assuntos que colocam em nossas bocas? “[...] *mas antigamente via de nossa cabeça*”, do nosso corpo, da nossa vivência. Será? Através da interlocução com o amigo epistolar ela se indaga como são as coisas, sobre como são nossas relações e de onde provêm nossas ideias e nossas palavras. **C** parece ter fé no passado, ou pelo menos parece que o mundo dá indícios de que era diferente. Existiam outros hábitos. Certa vez, **C** comentou que conversava bastante com sua avó sobre a prática de escrita das cartas na escola, e que a avó lhe disse que em sua juventude se utilizou muito desse recurso para comunicar-se com pessoas queridas, e lamenta que as tenras gerações nos dias atuais desconhecem tal exercício.

²⁴ Trecho da música ‘solidão’ da banda pelotense de dark metal m26 que compõe o CD Misanthropia 2015. Independente.

4.3 - Uma trilha que se abriu...

São agora 12h03min, do dia 05/06/16. Após ter distribuído todos os pacotes e materiais referentes às correspondências e ter separado-os por ano, países, professoras e escolas, tive uma sensação curiosa. Rememorei acontecimentos após me deparar com o volume de cartas/pacotes que troquei com a professora Grazi e sua turma, no ano de 2015, e de todos os esforços que travamos ao longo do ano para manter essa atividade. Por exemplo, da busca que foi feita por ela ao estabelecimento dos correios em sua cidade para averiguar um possível extravio de cartas e das minhas idas à casa de sua mãe, moradora de Pelotas, para lhe entregar pacotes com cartas de meus estudantes, que seriam entregues à filha.

Além dos alunos do segundo distrito do município de Piratini, trocamos cartas com estudantes de escolas da cidade de Medellín na Colômbia e com cidades como, Curitiba no Paraná, e Capão do Leão no Rio Grande do Sul, mas no fim das contas, por inúmeras situações, hoje me deparo com um parco volume de material das escolas das cidades citadas, em especial das duas últimas. Houve trocas epistolares com uma professora colombiana, por exemplo, que ocorreram em apenas uma oportunidade, e com outra, em somente duas. Não que isso não produza material de pesquisa, pois não é da quantidade de informação trocada que aqui se trata. Mas me interessa antes de tudo, transitar o encontro que tive com a professora Grazi, que adveio por acaso, como disse, em um evento acadêmico ocorrido em Pelotas, no ano de 2014, mas que abriu uma experiência docente e pedagógica para além dele.

Naquela ocasião, fiz um breve relato do que estava trabalhando no momento, um projeto de escrita que estava desenvolvendo, que envolvia a troca de cartas, o qual chamou-lhe a atenção. De uma conversa informal, a partir dos atravessamentos provocados um no outro, pensamos na possibilidade de nossos alunos trocarem cartas e trazer duas realidades distintas - interior (meio rural) e cidade (meio urbano) - em um processo de escrita comungando experiências, encontros e derivações.

4.4 – Sor... Me ajuda! Um par de correspondentes, três pedidos e figurinhas...

São exatamente 18h42m do dia 24/07/16, há várias cartas espalhadas pelo chão, por cima dos criados mudos, na escrivantina do computador, em cima da impressora. Há pacotes e envelopes semiabertos, outros que não toquei por não fazerem parte do

corpus da pesquisa. Enfim, após ter passado a tarde inteira lendo e relendo as cartas enviadas e recebidas no ano de 2015, me deparei com um par de correspondentes que capturaram minha atenção. Publico seus escritos, apago seus nomes e dou-lhes as iniciais de EP (Escola de Pelotas), e EPR (Escola de Piratini Rural), ambos alunos de quinto ano com faixa etária entre os dez e doze anos de idade, um mora na zona urbana e outro na zona rural.

O diálogo de ambos inicia com a carta de EP enviada a EPR, carta que foi de Pelotas a Piratini. Como de hábito, iniciamos a troca de cartas fazendo este movimento: os estudantes de Pelotas sempre enviam os primeiros escritos, em contrapartida os alunos da Prof^a. Grazi recebem as primeiras cartas, fato ocorrido em abril do referido ano. Resolvi publicar essas cartas na íntegra, pois esses escritos apresentam o contexto da ocasião em que foram produzidos, traduzindo os atravessamentos causados nos respectivos alunos-escreventes, bem como nos professores envolvidos. Por se tratar de cartas, retratam narrativas pessoais que transcrevem de forma particular o momento em que foram produzidas, irrigando a memória das situações do dia em que foram escritas. Por exemplo, lembro nitidamente de EP em sala de aula, com a resposta de sua primeira carta enviada em uma das mãos e com a outra mão à cabeça, falando: – *“Sor! Não entendo nada o que esse guri escreveu. Me ajuda!!”*

Sua cara era de decepção com um misto de angústia, pois iria empreender mais esforço do que seus colegas para ler e responder a referida carta. Precisaria decifrar o que estava escrito, para após responder a carta que recebera. Percebi-o por duas ou três vezes tentando trocar de carta com os colegas de sala, mas em vão, ninguém aceitou a troca. Para acalmá-lo disse-lhe que ajudaria e assim o fiz. Confesso que tive dificuldades no início, mas entre ambos, conseguimos.

Houve ainda uma segunda lembrança que surgiu e que me coloca na semana em que a Prof^a. Grazi esteve na escola nos visitando, trazendo as cartas de seus alunos. EP lhe pergunta se não havia um modo de ela lhe ajudar, pedindo a EPR que melhorasse sua caligrafia, pois foi muito difícil ler sua primeira carta. Solícita, ela lhe disse que pede todos os dias a EPR que melhore a sua caligrafia. A preocupação de EP se justifica, pois entre as promessas de novos escritos entre ambos estava a troca de figurinhas, e por isso era muito importante a EP seguir se correspondendo com o novo companheiro e que eles se entendessem. Nas cartas o que transparece, em princípio, é um diálogo formal entre ambos os estudantes, deixando transpirar reflexos de como

interagimos em nosso cotidiano. As cartas constituem-se em espelhos de como agimos nas formas e convenções sociais pelas quais nos expressamos.

Na carta enviada em abril, a primeira, percebe-se que EP produz um texto simples, curto, no qual ele se apresenta e dá informações sobre si, onde estuda e do que gosta, bem como de pontos turísticos da cidade onde mora. Logo em seguida ele questiona seu correspondente se o mesmo gosta da cidade onde mora. Existe uma curiosidade em saber sobre. Em todas as cartas escritas ao longo destes três anos, sempre querer saber sobre parecia ser mais importante do que falar sobre.

Esse querer conhecer outros lugares a partir da escrita do outro permeou as correspondências enviadas e recebidas. É um viajar sem sair de onde estamos, é o olhar transformado daquele que lê com aquele que escreve. É o olhar novo do leitor que observa, lê com mais curiosidade o mundo que se põe novo a sua frente, agrimensado nas coordenadas da folha em suas mãos.

Na carta escrita por EPR, em resposta a EP, o que salta aos olhos é a caligrafia, tema/assunto que vai transitar nas próximas cartas. EPR, em sua carta de apresentação, fala sobre si. Idade, onde estuda, do que gosta: de seus bichos, dos livros que leu – ‘O pequeno príncipe’, ‘Como domar seu dragão’, dos filmes que já assistiu. Surgem ao fim das linhas suas questões, que como as de muitos outros, ao longo das atividades nesses três anos, são os disparadores das conversas entre os alunos-escreventes. Ao mesmo tempo, apelam a suas âncoras: são lugares que os situam no mundo, gostos que mostram seus apetites, interesses que mostram seus trânsitos e ambientes. As cartas entregam aos novos amigos um pouco do que vivem e acendem o interesse pelo outro, esse além-fronteira que fica com uma porção deles, esse outro ao qual entregam um pouco de si sem nunca terem visto. Amigo à distância, amigo na distância.



Pelotas 13 de abril de 2015

Querido amigo (a)

Alá como vai? Me chama
 tenho 10 anos e vou
 estudar na escola Gilvina Netto
 e vou? Gosto muito de passear
 nos pontos turísticos de Pelotas, Pe-
 lotas tem vários lugares legais pa-
 ra conhecer, exemplo: Farol de Prasi-
 a de Iramá, Praia de Iramá, Pedra
 Araria, Mercado central e etc.
 O lugar que mais adoro de pelota
 é a praia de Iramá e vou
 qual ponto turístico você mais
 gosta da sua cidade?
 Aguardo resposta.
 Saudações

(Aluno EP)²⁵

²⁵ Primeira carta enviada em abril de 2015 por aluno do Prof^o. Ronaldo. Arquivo do pesquisador.

DETEQUE

Pelotas, 08 de julho de 2015

Querido

Como você está? Queria que você tivesse mais capricho na sua carta, vou começar respondendo suas perguntas. Sou amigo da Leandrielle.

Adoro ver filme de terror e tenho uma coleção de filmes de terror.

Já li o livro diário de um banana e achei muito legal, também é muito legal.

Minha li o livro da pequena princesa. Gosto bastante de ler mas não costumo praticar.

Na minha escola tem vários defeitos, uns desses defeitos são: Sala de aula muito suja, pátio sujo, classes quebradas e etc. e na sua escola tem bastantes defeitos? Eu demoro 2 minutos a mais para chegar à minha escola, mais na esquina de minha escola.

Tem um castelo perto de minha que diz que é mal assombrado, o castelo é abanado e é muito assustador.

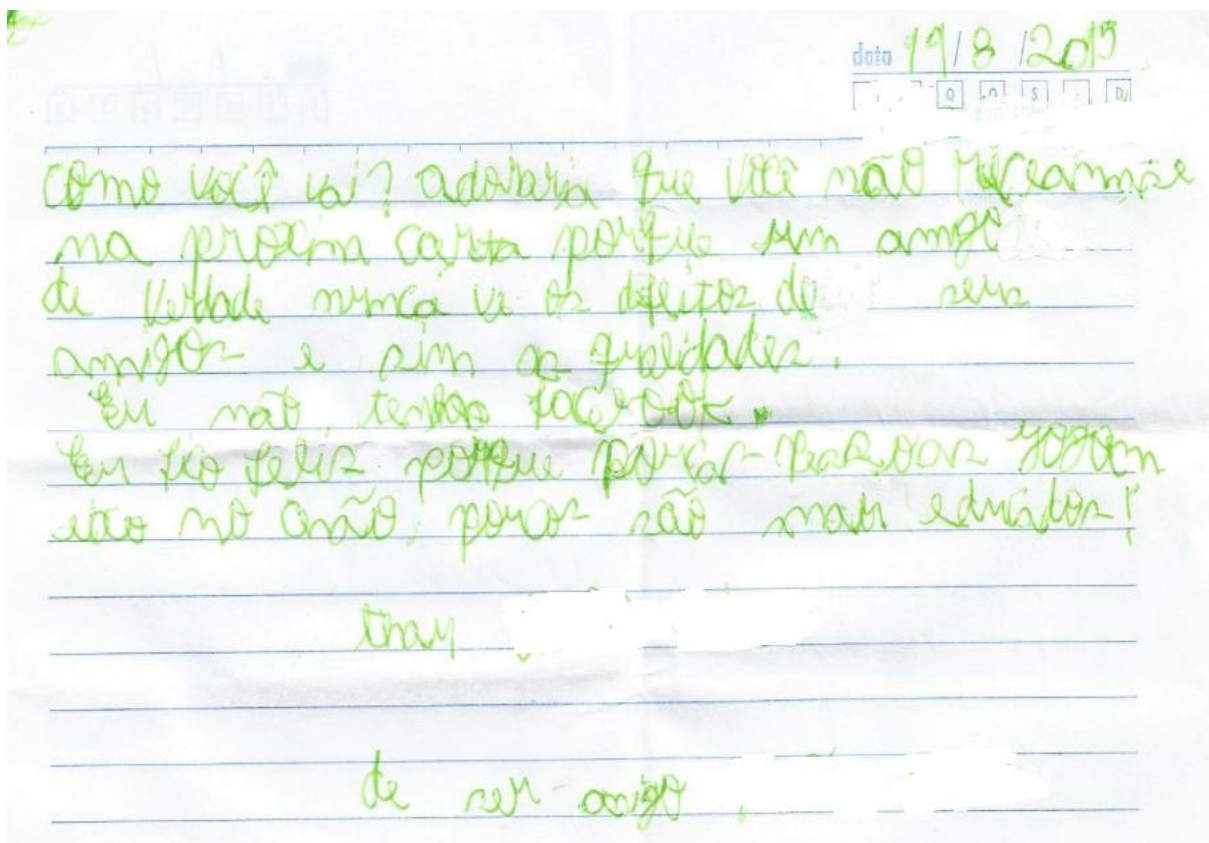
Perto de minha casa tem um cemitério, na próxima carta conto para você, por que não lembra direito da história. Você sabe alguma história assustadora de sua cidade?

Aguardo resposta.

credeal

(Aluno EP)²⁷

²⁷ Segunda carta enviada em julho de 2015 por aluno do Prof. Ronaldo. Arquivo do pesquisador.



(Aluno EPR)²⁸

A carta de 08/07/15 de EP traz vários elementos que chamam atenção. Seus gostos fílmicos e literários, os defeitos de sua escola, o castelo mal-assombrado e o cemitério que envolvem seu trajeto casa-escola, seu universo político e ficcional, seus pontos de referência no cotidiano. Mas há também um valor atribuído ao capricho, à limpeza, à organização: – “[...] sala de aula muito suja, pátio sujo, classes quebradas, etc. EP interpela EPR quanto a esse valor e falta de capricho que lhe são importantes. EPR reage a isso.

Nessa segunda carta o tom de desânimo na escrita de EPR é evidente. Além de ser uma carta muito curta, expressando desgosto, ele escreve o seguinte: – “[...] adoraria que você não reclamasse na próxima carta porque um amigo de verdade nunca vê os defeitos de seus amigos e sim as qualidades”.

Essa reclamação a qual se refere EPR diz respeito à carta escrita por EP em julho (2015), quando pede a EPR que melhore sua caligrafia, pois foi muito difícil a ele entender o que estava escrito. EP comenta: – “[...] estou com dificuldade de ler sua carta, e amigos de verdade tem liberdade de cobrar seus amigos”. O diálogo se dá em

²⁸ Segunda carta enviada em agosto de 2015 por aluno da Prof.^a Grazi. Arquivo do pesquisador.

base à produção de uma relação. Trata-se, então, de uma relação de amizade, daquilo que se pode indicar, pedir, criticar e reclamar do amigo? Mas do que se trata chamar alguém de amigo?

Eles medem, carta a carta, até onde podem ir na relação um com o outro. Quais os limites do que se pode manifestar, qual o grau de sinceridade que se pode ter, até onde a relação epistolar suporta?

No Abecedário de Deleuze (1996, p. 32) ele nos comenta sobre amizade:

Por que se é amigo de alguém? Para mim, é uma questão de percepção. É o fato de... Não o fato de ter ideias em comum. O que quer dizer “ter coisas em comum com alguém”? [...] Não é a partir de ideias em comum, mas de uma linguagem em comum, ou de uma pré-linguagem em comum. [...] Quer dizer que tenho algo a dizer-lhes e eles a mim (DELEUZE, 1996, p. 32).

Essa ideia deleuziana ressoa na compreensão de amizade em Larrosa, que perpassa pelo texto, na união de leitores. Ler com os outros, “em torno do texto como palavra *emplazada* – quando o texto é realmente algo que se pode chamar de comum –, articula-se de uma forma particular de comunidade, uma forma particular de estar emplazados pelo que é comum” (LARROSA, 2015, p. 143). A escrita de EP e EPR, seus cotidianos expressados em uma linguagem comum e suas cartas é o comum aos dois, a uma comunidade de estudantes. O que está posto no centro dos acontecimentos é a caligrafia de EPR, condição de possibilidade para que ambos se comuniquem e possam trocar figurinhas. “E essa forma é uma amizade, uma unidade que suporta e preserva a diferença, um nós que não é senão a amizade de singularidades possíveis” (idem), pois, a caligrafia de um interrompe a leitura do outro, e “o comum não é outra coisa que aquilo que se dá a pensar para que seja pensado de muitas maneiras” (idem). É o que EP faz ao pedir a EPR que tenha mais capricho na escrita de sua carta, “a amizade de *ler com* implica-se na amizade de *aprender com*” (idem). A cada carta percebemos a mudança na caligrafia de EPR em relação a que foi apresentada na primeira carta enviada em maio. Talvez a conversa entre ambos tenha se tornando uma questão para ele, tenha provocado efeitos sobre o desenho de sua letra. Talvez tenha sido apenas o trabalho da Prof^a. Grazi. Como sabê-lo?

Uma das questões que permeia as perguntas e respostas de ambos ao longo de um ano de escrita parece-me que é a questão da amizade. Há uma dança que ‘emplaza’ a relação entre ambos, através de seus escritos. Um passo pra cá e outro pra lá: – “[...]”

amigos não cobram”, diz EPR, ou, no ditado comum: – “[...]quem avisa amigo é.”²⁹, retruca EP. “A amizade é um estilo de vida, uma estética da existência, que permite a coexistência, pacífica embora conflituosa, das diferenças; uma ‘abertura para o outro’, descontróí as formas com as quais excluímos toda a alteridade e suprimimos as singularidades” (NICOLAZZI, 2000, p. 98). Desta forma, quando EP se entrega ao outro, EPR, e se propõe a cobrar um capricho na escrita, ele o faz de forma segura, mas tranquila. Embora surja um conflito entre ambos, logo é amenizado pelo modo carinhoso, “*querido*”, como EP trata EPR no início de suas missivas; é “como um presente, como uma carta, aquele que remete um presente, ou uma carta está um pouco preocupado para saber se seu presente será aceito, se sua carta será bem recebida e merecerá uma resposta” (LARROSA, 2015, p. 140). EP quer manter a chama da escrita das cartas com seu amigo acesa.

03/09/15

Pelotas 10 de setembro de 2015

Querido

Está bem e seco? Não estou reclamando de sua letra e sim fazendo um pedido só para melhorar sua letra porque estou com dificuldade de ler sua carta, e amigos de verdade tem liberdade de cobrar de seus amigos.

Você conhece aquele ditado, quem avisa amigo é? Então, estou lhe avisando para seu bem. É legal morar no interior? Na minha opinião eu gostaria de morar no interior mas a função da escola me interior é bem difícil né? Mas tirando isso, eu gostaria, não gostaria de morar na cidade. É bem legal, tem bastante correr e meter e tem merimentade, aqui tem bastante correr rebatado.

Alhei a foto que você mandou a Gabe e Santes me mostrar ☺, vou tirar uma foto da janela de meu quarto e mandar para você.

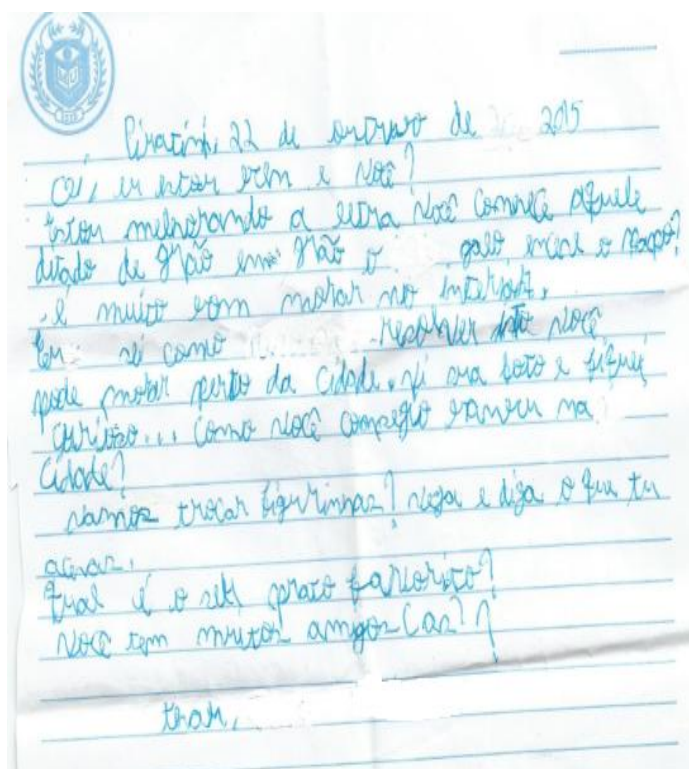
Saudações
Aguardando Resposta

(Aluno EP)³⁰

²⁹ Trecho extraído da carta apresentada na p. 59.

³⁰ Terceira carta enviada em setembro de 2015 por aluno do Prof^o. Ronaldo. Arquivo do pesquisador.

Nessa terceira carta EP começa tratando EPR com carinho, pois percebe sua mágoa na carta anterior. A crítica a sua letra o afastou de EP, que começa a carta soprando sua ferida com a palavra querido. Pede ao amigo que ele lhe conceda liberdade para escrever sobre o que pode prejudicá-lo, mas também o que pode prejudicar sua própria relação. Diz que gostaria de morar no interior, mas: – “[...] a função da escola no interior é bem difícil, né?”³¹. Nesse momento EP consegue, com sua fala simples, apontar em seu texto sua visão sobre as dificuldades que seu colega enfrenta. Ele não comenta abertamente que o poder público não cuida, por exemplo, das estradas que levam à escola na zona rural, mas ele tem conhecimento desse fato, pois mais de uma vez eu trouxe tal discussão para a sala de aula. Abordamos as dificuldades que seus colegas da zona rural tinham em se locomover à escola em virtude das distâncias, do péssimo estado das estradas rurais naquele município, da precariedade do transporte público escolar, da falta de professores e funcionários que a referida escola enfrentava naquele momento. Quando estive na nossa escola, a Prof^a. Grazi também comentou sobre as distâncias e sobre a falta de professores e funcionários em sua escola. De algum modo, sua fala provocou ecos no pensamento de EP.



(Aluno EPR)³²

³¹ Trecho extraído da carta apresentada na pg. 59

³² Terceira carta enviada em outubro de 2015 por aluno da Prof^a. Grazi. Arquivo do pesquisador.

O diálogo dos dois em suas cartas se ‘emplaza’ no lugar de sua experiência cotidiana, zona urbana e zona rural. Fica claro nas cartas trocadas entre um e outro correspondente seus gostos pelos locais onde moram. Na carta de 13 de abril, a primeira enviada, EP salienta que: – “[...] *gosta muito de passear nos pontos turísticos de Pelotas, pelotas tem vários lugares legais para conhecer, exemplo: Fenadoce, praia do laranjal, praça coronel Pedro Osório etc.*”³³. EP, quando envia a carta ao amigo, divide o que mais gosta do local onde vive. EPR em sua resposta diz a EP que: – “[...] *eu moro na fazenda e gosto de brincar de bicicleta e brincar com meus animais de estimação.*” EPR ainda comenta com o amigo qual o ponto turístico de que mais gosta na cidade de Piratini, também partilhando com o amigo: – “[...] *o ponto turístico que eu mais gosto de Piratini e o museu Farropilha.*”³⁴

EP, em carta enviada no dia 10 de setembro de 2015, diz que tem vontade de morar no interior: – “[...] *eu gostaria de mora no interior mas a função da escola no interior é bem difícil né? Mas tirando isso eu gostaria...*”³⁵. EPR diz ao amigo: – “[...] *é muito bom morar no interior. Eu sei como resolver isto você pode morar perto da cidade*”. EPR soluciona o problema do amigo dando a sugestão de que ele pode morar próximo a cidade, morando ainda no interior. EPR faz alusão à região do 5º distrito de Piratini, onde uma parte se localiza as margens da RS 702, que liga esta comunidade a BR 293, e à referida cidade. Às margens da estrada (RS 702) se percebe uma concentração muito grande de residências, comércios etc. É zona rural com ares de zona urbana.

EP questiona o amigo do interior: – “[...] *você gostaria de morar na cidade? É bem legal, tem bastante carro e motos é bem movimentado, aqui tem bastante carros rebaixados.*”³⁶ EPR em sua carta pergunta: – “[...] *como você consegue brincar na cidade?* Uma pergunta que fica aberta à imaginação de EPR, pois EP não a responde nas cartas seguintes, mas segue ainda afirmando que é bom morar na cidade por causa do movimento dos veículos: – “[...] *morar na cidade é muito legal, tem bastante movimento de veículos, muitas lojas etc.*”³⁷

³³ Trecho extraído da carta apresentada na pg. 53.

³⁴ Trechos extraídos da carta apresentada na pg. 54.

³⁵ Trecho extraído da carta apresentada na pg. 58.

³⁶ Trecho extraído da carta apresentada na pg. 58.

³⁷ Trecho extraído da carta apresentada na pg. 61.

Pelotas 05 de Novembro de 2015

Querido

Estou muito bem, e você?

Não contava esse ditado, mas notei que você melhorou a sua letra.

Acredito que seja muito bom morar no interior, por que em minhas férias vou para Piratini, mas eu passeio para a 3ª de Piratini, e a noite não se entrega na da nos estradas, né? Quais bichos você está mais acostumado a ver nos estradas ou em qualquer lugar? A última vez que visitei a 3ª de Piratini eu vi um Bugia ~~em~~ ele era vermelho e muito grande, eu sei requis ele, mas não sei que se bem descreta, ele entrou no meio de um monte de ba e no meio de matilha de bombus tinha vários bugias, e tinha um preto e um vermelho, e de ra os diversos tipos de cobras.

Morar na cidade é muito legal, tem bastante museamento de répteis, muitas lojas, e também tem animais aqui que você está acostumado a ver, exemplos: boiadeiro, galinhas, passaros, etc.

Su ocito treco figurinhas com você, eu tenho muito figurinhas.

Aguardo respostas.

medial

(Aluno EP)³⁸

No diálogo traçado por EP e EPR surgiram alguns ditados populares que marcaram significativamente suas últimas conversas e traduzem a entrega de um ao outro, e a forma como esse 'um' queria que o 'outro' entendesse que não havia maldade em seu pedido, ou intenções de constrangimento. – “[...] quem avisa amigo é? Então estou lhe avisando para o seu bem” (EP). Ele queria que EPR tivesse uma boa

³⁸ Quarta carta enviada em novembro de 2015 por aluno do Prof^o. Ronaldo. Arquivo do pesquisador.

caligrafia para poderem desenvolver um diálogo ainda maior. – *“de grão em grão o galo enche o papo”* (EPR), replica o interlocutor, dando a entender que aos poucos está caprichando e esforçando-se para melhorar e permitir a comunicação entre ambos.

Ao longo do ano de 2015, entre tantas propostas de atividades que surgiram e foram desenvolvidas, uma indicada pela Prof^a. Grazi insinuava que os alunos deveriam, ao acordar e abrir as janelas de seus quartos, bater uma foto do ambiente que encontravam a sua frente. Seria a primeira visão do dia. Surgiram algumas fotos e também alguns porquês dessas imagens nas trocas que foram feitas entre os correspondentes.

Na carta que EP envia a EPR no dia 10 de setembro de 2015³⁹ surge referência a essa atividade de fotografia que realizamos. EP informa ao amigo: – *“[...] olhei a foto que você mandou a [...] me mostrou, vou tirar uma foto da janela de meu quarto e mandar para você.”*

A partir dessa atividade uns puderam ver o que os olhos dos outros ‘liam’. Desta forma, puderam ver o ambiente do outro e pensar como seria se, como será que...

4.5 - Conversas epistolares: O escrever ao outro...

Do grego, ‘khartes’, a folha de papel – a folha de papiro -, por onde se alastram palavras e entoam-se verbos. A escrita de cartas pessoais é uma atividade de ensino que adotei como prática pedagógica desde o ano de 2014. Utilizo-me dessa atividade e viso a trabalhar/amenizar alguns problemas de escrita e leitura dos grupos de estudantes que chegam a mim no quinto ano do Ensino Fundamental, carregando consigo muitas dificuldades. Mas percebi que essas escritas eram mais do que apenas uma atividade de ensino gramatical. Elas forjaram, aos poucos, novas relações, conversas, trocas e testemunhos. “As cartas são um rizoma, uma rede, uma teia de aranha” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 59).

O escrever ao outro encarna tonalidades de expressão quando os alunos escritores/leitores/correspondentes, ao escreverem, leem. Leem o que escreveram sobre si. Leem sobre seus correspondentes e imaginam os lugares onde eles residem, estudam, brincam e transitam. Seus gostos, seus costumes, seus modos de ser, agir, habitar, seus lugares comuns. Situações que provocam encontros, que mesmo distantes por vastas

³⁹ Referência ao último parágrafo da carta que está na pag. 58.

extensões de terra ou mar, surgem próximas nas folhas do papel onde são escritas. Escrever encarna outra prática: ler. Ler as palavras, o mundo, os signos e a nós mesmos. Pode haver experimentação na escrita e na educação, na medida em que a leitura faz rizomas, estimula atravessamentos, conjura sílabas e classes gramaticais, vogais e consoantes, professores e alunos, que deslizam uns sobre os outros. Estudos e dúvidas possibilitando ideias, permitindo o ato e a vontade, que transita pelo pensamento como os ratos em tocas de Deleuze e Guattari (1995). “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 04). Nos processos de formação não podemos precisar se a escrita ou a leitura impele ou acolhe um acontecimento. Ambas fazem parte desse processo que é a formação.

Ao trabalhar a proposta das correspondências, interessou-me desenvolver a prática de escrita e leitura como hábito comum aos estudantes desse quinto ano do Ensino Fundamental, dessa escola encravada no bairro Fragata. Mas me interessou, além disso, provocar espaços de conversa com outros, espaços de encontros coletivos. É na diferença dos grupos de estudantes que suas singularidades se produzem e aparecem. As subjetividades experimentam-se na cor da caneta escolhida, nas imagens e detalhes da folha do caderno escolhido para dar expressão a um gosto particular, na caligrafia caprichada, na gramática que sustenta signos para a interlocução escrita, para o diálogo com o outro e com marcas próprias a cada um. É através da imagem desses pequenos cuidados que o rizoma se faz, os agenciamentos se permitem, a cartografia se mostra e o flânuer-cartógrafo se materializa, se encontra, liga, cerze, tricota, amarra, ata as linhas e ainda produz outras novas tocas, deixando-(se) escapar. Correndo perigos. A escrita encarna aprendizagem, formação, pois quando escrevo, leio; quando leio busco compreender o que as palavras evocam, do que as palavras me cercam.

As trocas de cartas que fizemos/fizeram/fez incidir nossos olhares para situações comuns. Nossos lugares, nossas escolas, pátios, gostos, interesses, nossos limites. (Co)-incidimos um espaço de compartilhamento para além das palavras.

O diálogo-mosaico que segue foi construído com recortes de algumas cartas dos alunos-escreventes de ambos os docentes em questão que não necessariamente obedecem aos correspondentes habituais. Esses trechos são extraídos de suas cartas. Aqui surgem perguntas que são respondidas por outros. Ao trazer tais recortes o cartógrafo destaca um elemento: a curiosidade travestida em perguntas e respostas nas cartas. Essas eram as peças de rolagem da engrenagem que produzia novos encontros.

Na colagem a seguir podemos perceber o interesse pelo cotidiano e a curiosidade pelo outro. Torno-me editor, ficciono/construo um diálogo a partir de muitas vozes, mas que poderia ser o diálogo entre um par de alunos, pois seus interesses são próximos, são sobre suas realidades, famílias, escolas e times de futebol.

Construo/ficciono a partir de vários recortes extraídos de diversas cartas de ambas as turmas de alunos-escreventes, das escolas da zona urbana e da zona rural, os quais apresento a seguir. São as vozes de todos e de alguns, são questões simples e cotidianas. São vários falando pela boca de outros, compartilhando as mesmas palavras.⁴⁰

[...] Quantos anos você tem?

[...] tenho 10 (dez) anos.

[...] e como é a sua família, você tem irmãos

[...] meu irmão é Gabriel.

[...] com quem você mora

[...] tenho dois irmãos e dois irmãos e morei com meus pais. É gostoso de sair de casa pra casa dos meus irmãos.

[...] eu gostaria de saber que time você torce? eu torço para o Grêmio.

⁴⁰ Recortes das cartas escritas em 2015.

[...] o meu é a inter

[...] tu gostas de ir ao parque?

[...] Eu nunca fui num

[...] o meu não tem parque de diversões meu avul e muita família sim e

[...] como é a sua escola?

[...] Na minha escola tem vários defeitos, uns desses defeitos são: Sala de aula muito suja, pátio sujo, Classes quebra das etc... e na sua escola tem bastan te defeitos?

[...] alta muitos professores e merendeiros ai?

[...] minha escola é legal mas não é organizada! por merendeiros, não gostam muito nem cozinhado e os outros professores não estão sendo pagos

[...] por causa da crise de dinheiro as merendeiras não nem a escola.

[...] Quantos alunos tem sua classe?

[...] é isso, quanto tempo demora do seu casa até a escola? como é na escola?

[...] a escola que eu estudo é
bem na rua da minha casa.

[...] sua cidade é limpa?

[...] a minha é mais ou menos, quando chove se alaga
as ruas? aqui alaga algumas é que jogam lixo nas
ruas e quando chove o lixo jogado vai pros
esgotos e enlote e alaga.

[...] Você acha legal brincar no campo?

[...] Eu gosto de ~~man~~ andar por que aqui tem muitas
diferenças pra fazer a fazer.

[...] é muito legal
gosto muito de andar à cavalo,
adoro acordar cedo e ver a
coração branqueando o céu e
tomando conta dos cerros.

[...] Você gosta de andar a cavalo?

[...] Eu gosto de andar de bicicleta, alho televisão
e jogar bola.

[...] Eu acho que é isso
Abraços

Com as chaves deste claviculário - as cartas desses estudantes - abri portas e imergi por lugares novos, trilhei; cartografei platôs que supunha conhecer, mas que a cada passo, a cada centímetro que consumia, a cada palavra, a cada frase que ia digerindo, se mostravam novas. Peregrinei por entre esses textos por dias, e a cada leitura que fazia, refazia e descobria outros caminhos por onde tentava seguir e ver aonde iam me levar. São subjetividades escreventes marcando seus lugares sociais, de

onde escrevem (CAMARGO, 2011), subjetividade-alunos que escrevem por conta de uma prática escolar que os exige falar sobre seus cotidianos, penetrar suas memórias e imprimir no papel seus modos de ser, gestos e indícios de sua cultura.

Ao tocar o envelope branco feito de folhas de ofício, menor do que um modelo de envelope padrão desses que se compra nas livrarias, sem selos, sem CEP, sem endereço de remetente ou destinatário, vejo somente um nome que se subscreve antes da preposição *de*, e da preposição *para*. Palidez agrimensada num retângulo vazio e ao mesmo tempo cheio de experiências, de pensamentos não concluídos, de encontros e devires.

5 - Um professor, um pesquisador ainda em vias construção.

Esta não é a conclusão desta pesquisa, mas sim um velar a face com um dos véus que apanho do chão, um daqueles que antes foi retirado pela odalisca que bailava em minhas naves. Aqui o que propus, a partir de um projeto de escrita de cartas com um grupo de estudantes, foi oferecer algo que em um pretérito particular me foi revelador. O método cartográfico de pesquisa me permitiu trabalhar de um modo no qual o que me interessou foi mais o processo de escrita deste trabalho do que os resultados. Flanar por entre os movimentos de construção das atividades, das conversas, do que se pensou em fazer, do que foi feito. Quero crer que “acompanhei um processo, e não representei um objeto” (KASTRUP 2008), refleti sobre procedimentos que me transformaram e que me afetaram em um processo que possibilitou/provocou implicações individuais e coletivas, pesquisador e problema de pesquisa.

Reafirmo que esta não é a conclusão desta pesquisa, pois a turma (nova) de quinto ano - em 2016 - da escola Técnica Estadual Prof^a. Sylvia Mello segue se correspondendo com a turma atual da Prof^a. Grazi, na escola rural no interior de Piratini – RS, um quarto ano. Para além dessas cartas que foram trocadas entre ambos os grupos, este quinto ano troca cartas com alunos de um quinto ano da escola Institucion Educativa Tricentenario de Medellín – Colômbia. Alunos do ano de 2014, que hoje estão no sétimo ano do Ensino Fundamental dessa escola técnica fizeram o mesmo movimento com a referida escola Tricentenário de Medellín.

Para além dos estudantes da escola Técnica Estadual Prof^a. Sylvia Mello, outras turmas ao longo deste ano de 2016 se inseriram nas atividades de trocas de cartas. Meus alunos das turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA - noturno, da Escola Estadual Ensino Médio Dr^o. Augusto Simões Lopes, trocam cartas com alunas do sétimo semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Alunos do sexto ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr^o. Alcides de Mendonça Lima - onde fiz o estágio do Ensino Fundamental do curso de Licenciatura em Geografia, no segundo semestre do ano de 2016 - com alunos do sexto ano da escola Institucion Educativa Tricentenario de Medellín.

Em paralelo às escritas, às leituras dessas cartas e à promoção dessa prática que ofereço às turmas nas salas de aula por onde transito, uma questão brotou e tem me inquietado: Quem escreve cartas nos dias de hoje? Orbitando essa questão central,

outras permeiam-na: Por que? De que modo fazem? Para tentar cartografar tal inquietação me ponho com uma caixa de madeira, com um cartaz escrito “escrevo cartas”, alguns selos, envelopes, folhas e máquina de escrever em locais e eventos públicos e fico à espreita de possíveis ‘escreventes’, ou mesmo curiosos. Nesse(s) encontro(s), do diálogo que surge tomo nota. Faço registros e os deixo. Em algum momento irei cartografar tal inquietação.

Desta forma abrem-se caminhos novos, tocas por onde me esgueiro em minhas práticas professorais e de pesquisa, em modos de ser. Trilhar esses caminhos produz tombos provenientes dos deslizos, assim como saltos provenientes de encontros. As afecções e feridas constituem-se experiências, novos encontros, conversas e comunidades. Aprendizagem. O olhar tão acostumado à mesma paisagem docente agora a observa com outros olhos e dá um novo sentido ao que vê, pois constitui outro território perceptivo a partir desta escrita. Escrever é um esforço colossal, mas é preciso singrar os céus, sentar na vasoura da bruxa e perseguir o vento.

6 - Referências:

ALIGHIERI, Dante. A divina comédia: inferno / Dante Alighieri. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré, Sandro Botticelli e William Blake. – São Paulo, 1999.

BÁRCENA, Fernando. El aprendiz Eterno. Filosofía, educación y el arte de vivir. Miño y Dávila Editores, Madrid. 2012.

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Editora Martin Claret. São Paulo, 2005.

BENJAMIN, Walter. (1986) Parigi capitale del XIX secolo. Torino, Einaudi.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação/ Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (org.); Vivian Carla dos Santos (colab.) – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas e escrita: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade/Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo. São Paulo: Editora Unesp. 2011.

CAMPBELL, Joseph. El héroe de las mil caras. Psicoanálisis del mito. México: Fondo de cultura económica, 1972.

CAMPELLO, Ronaldo Luís Goulart. FARINA, Cynthia. As cartas que escrevo... Uma escrita, várias linhas, uma prática de ensino Revista Pedagógica | v.17, n.35, maio/ago. 2015. 259-272. Disponível em: <
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3114/1786>>
 acessado em 10/04/16.

CÉSAR, Janaína Mariano. SILVA, Fabio Herbert da. BICALHA, Pedro Paulo Gastalho de. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. Fractal, Ver. Psicol., v.25 – n.2, p.357-372, Maio/ago. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200009&script=sci_arttext > acessado em 17/05/2015.

Disponível em:
 <https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+corvos&tbm=isch&tbs=rimg:CdGJMC4npRtIjjwWsMs4R3n7pbZ1AbMMsa5FFn4N_1DJ2SnwNHTJfLNVSrd3rLI_1U68J5h21cndqfJqpixYC_1nCoSCfBawyzhHefuEfkWkqss2ymTKhIJlv5nUD5swywRc9mhIpxkTbAqEglrkUWfg38MnRFKRNREYd9GqCoSCZKfA0dMI8s1EVPeyDzpWHvAKhIJVKt3essj9ToRBO5db5mN_1JUqEgnz4nmHbVyd2hHyr3wDcegWCoSCZ8mqmLFgL-cEW6yhmWFoguH&tbo=u#imgc=CzelxSXIA2aJXM%3A> acessado em;
 22/07/15.

DELEUZE, Gilles. Conversações / Gilles Deleuze; tradução de Peter Pál Pelbart. – São Paulo: editora 34, 2013 (3ª Edição). 240 p. (Coleção TRNS).

_____, Gilles. GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____, G. Abecedário de Gilles Deleuze. PARNET, A. V. Produzido e realizado: Pierre-André Boutang, Éditions Montparnasse, Paris. 1996. Disponível em: <<http://www.docspt.com/index.php?topic=16463.0>> Acessado em 12/11/15.

_____, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998. p. 184.

_____, Gilles; Kafka: por uma literatura menor / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução Luiz B. L. Orlandi. – 1. Ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual. In: Anais da 31ª Reunião da ANPED. Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y98tS1A3yGsJ:31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acessado em 17/06/15.

FARINA, C.; PEREIRA, M. V. El tropiezo del investigador y la imagen que vê. Percepción y saber. EccoS, São Paulo, n.33 p.143-156. Jan/abr. 2014. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/pdf/715/71531141009.pdf>> acessado em 16/05/16.

FERREIRO, Emilia. Pasado y presente de los verbos leer y escribir. México D.F. Fondo de cultura económica, 2002.

FILHO, Kleber Prado. TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013. Disponível em: <<file:///D:/Usuario/Downloads/2471-15593-2-PB.pdf>> acessado em 17/06/2015.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____.O que é um autor? Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Vega. 1992. p. 129-160. Disponível em: <[file:///D:/Users/Ronaldo/Downloads/Foucault%20Michel%20A%20escrita%20de%20si%20\(1\).pdf](file:///D:/Users/Ronaldo/Downloads/Foucault%20Michel%20A%20escrita%20de%20si%20(1).pdf)> acessado em 26/03/16.

FONSECA, Mara Galli. NASCIMENTO, Maria Livia do. MARASCHIN, Cleci. Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. 263 p.

FUGANTI, Luiz. Aula [2 Tarde 1] realizada no dia 08 de outubro de 2014 no Seminário especial: Educação, Subjetividades e Saúde, com Luiz Fuganti. Atividade promovida pelo PPG da Saúde Coletiva e do PPG da Educação, da UFRGS, sob responsabilidade do Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WFzGC8e4aBQ>> acessado em 10/06/16.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. In: Dossiê Gilles Deleuze. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.27 n.2 p.169-178, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/16652/mod_resource/content/1/Gallo_Em_torno_de_uma_educacao_menor.pdf> acessado em 05/09/16.

GUATTARI, F.; ROLNIK S. 1996. Micropolítica: cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes. 4ª ed.

HAESBAERT, Rogério. BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:-ApuUgDg4s4J:www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/74/72+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acessado em 10/06/15.

IANNI, Otávio. Teorias da globalização – 3ª edição – Editora Civilização Brasileira. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0Qv4XjSCihMJ:ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/12896/7869/DESTERRITORIALIZACAO___Onipresenca_na_Ciranda_Global.doc+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> acessado em 30/08/2015.

IONTA, Mariza. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. Rev. Estud. Fem. vol.19 no. 1 Florianópolis Jan./Abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100007> acessado em 19/06/15.

KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (Orgs.). Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p.465-489. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n1/v10n1a07.pdf>> acessado em 30/08/2015.

LARROSA, Jorge. Leer (y enseñar a leer) entre las lenguas. Veinte fragmentos (y muchas preguntas) sobre lectura y pluralidad. Separata Revista Educación y Pedagogia. Vol. 18, 2006. Disponível em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/revistaeyp/article/view/19061/16284>> acessado em 05/08/16.

_____, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas/ texto de Jorge Larrosa, tradução de Alfredo Veiga-Neto, - 5, Ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2015.

_____, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002, Nº 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> acessado em 15/05/15.

LERNER, Delia. Leer y escribir en la escuela: lo real, lo posible y lo necesario. Edición, 1ª ed. Publicación, México, D.F.: Fondo de Cultura, 2001.

LOPES, Adriana Carvalho. ORTEGA, F. Para uma política da amizade. Arendt, Derrida, ara uma política da amizade. Arendt, Derrida, Foucault Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, 118 págs. Resenha em Cadernos de Linguagem e Sociedade, 5, 2001/2002.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 12 (Jun. 2008) – 1-170. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf> acessado em 02/10/16.

MATTOS, Sônia Regina da Luz. SCHULER, Betina. CORAZZA, Sandra Mara. Formação do professor-pesquisador: aprendizado que afirma a vida. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 24, n. 43, p. 225-236, jan./jun. 2015. Disponível em: <[file:///D:/Usuario/Downloads/1330-3269-1-SM%20\(1\).pdf](file:///D:/Usuario/Downloads/1330-3269-1-SM%20(1).pdf)> acessado em 06/09/15.

NICOLAZZI, Fernando F. Por uma amizade outra. - Sobre Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault, de Francisco Ortega. Revista Vernáculo, [S.1.], n.2, ago. 2000. ISSN 2317-4021. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/18106>> acessado em 07/09/16.

NIETZSCHE, F. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 (349p.).

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. Pro-Posições | v. 23, n. 3 (69) | p. 159-178 | set./dez. 2012. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000300010> > acessado em 26/07/16.

ORRÚ, Carla Maria dos Santos Ferraz. ANDRADE, Marieta Benedita de Paula. 15º Seminário de Pesquisas em Linguística Aplicada. A escrita de si e o caráter revelador da escrita em textos não verbais. 2009. (Seminário). Disponível em: <http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes_orais/artigocarla_maria_marieta_benedita.pdf> acessado em 22/09/15.

POE, Edgar Allan. O corvo. *The Raven*. Editora Dark Side. Tradução Machado de Assis, Fernando Pessoa. Edição 2013. Ano da obra 1845. 50 pag.

_____. Edgar Allan. O homem da multidão. Ano 02 número 12 - fevereiro de 2005 Disponível em: < <http://www.bestiario.com.br/12.html>> acessado em 24/08/16.

PORCHIA, A. Voces. Buenos Aires. Edicial, 1989.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

PEREIRA, M. V. A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. São Paulo: PUCSP (Tese de Doutorado), 1996.

PASSOS, Fernando. GOUVÊA, Mariana. TOSTI, Raphael. POLITO, Rodrigo. O novo *flâneur*. Personagem da Era Moderna, o flâneur ainda incita o pensamento urbano contemporâneo. Eclética, jul-dez 2003. Disponível em: < <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/2%20-%20o%20novo%20fl%C3%A2neur.pdf> > acessado em 02/10/16.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: Corporificação e afetabilidade. In Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum/organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Silvia Tedesco – Porto Alegre: Sulina, 2014. 310 p. (2).

ROLNIK, Suely: Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SATURNINO, Rodrigo. O último suspiro do flâneur. [WWW.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt) Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/saturnino-rodrigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf> > acessado em 02/10/16.

SIBILIA, Paula. Redes e paredes: a escola em tempos de dispersão/Paula Sibilia; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto. 2012.

SILVA, Vera Lúcia Paredes P. Ao correr da Pena: Aspectos da Organização Tópica em Cartas Pessoais. In: HEYE, Jürgen (org.). Flores Verbais: uma Homenagem Linguística e Literária para Eneida do Rego Monteiro Bonfim no seu 70 aniversário. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 231-246.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro n e da composição: Spinoza + currículo + Deleuze. Educação e realidade. 27(2):47-57 jul./dez.2002. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25915/15184> > acessado em 06/06/16.

TERRA, Marina Furtado. Espaço e educação: cartografia de singularidades em um bairro de Juiz de Fora – MG. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de mestrado do programa de pós-graduação em educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas da

faculdade de educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1KRk06pSfckJ:www.ufjf.br/ppge/files/2012/05/Disserta%25C3%25A7%25C3%25A3oMarinaFurtadoTerra.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acessado em 02/06/15.

VASCONCELOS, Maria Helena Falcão de. A escrita nômade de Clarice Lispector. ALEGRAR n°04 - 2007 - ISSN 18085148. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LhIVYROSMJ:www.alegrar.om.br/04/textos_A_04/03_escrita.pdf+&cd=6&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br> acessado em 09/06/15.

VILELA, Carolina. O que é um flâneur? Belo Horizonte – MG. 09 de mar 2009. Disponível em: < <http://caroltsv.blogspot.com.br/2009/03/o-que-e-flaneur-o-termo-flaneur-vem-do.html> > acessado em 02/10/16.

ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. Tradução André Telles Rio de Janeiro 2004. Disponível em: < <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/wpcontent/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf> > acessado em 25/03/16.

ZETULA, Estanislao. Sobre la lectura. Medellín, 1982

